

José Mauro Gabriel
Francisco Ricardo Costa Pinto
Sandra Bernardes Ribeiro

QUEM

CONSTRUIU

BRASÍLIA?



Ilustrações: Elder Galvão



Quem Construiu Brasília?

1ª edição, 2024

Diagramação e ilustração: **Elder Galvão**

Consultoria Pedagógica: **Sônia Regina Rampim Florêncio**

Web Designer: **Pedro Gabriel**

Narração do audiolivro: **Lucianna Mauren e Lupe Leal**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gabriel, José Mauro

Quem construiu Brasília? / José Mauro Gabriel, Francisco Ricardo Costa Pinto, Sandra Bernardes Ribeiro ; ilustração Elder Galvão. -- 1. ed. --

Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2024.

ISBN 978-65-01-01378-7

1. Brasília (DF) - História - Literatura infantojuvenil I. Pinto, Francisco Ricardo Costa. II. Ribeiro, Sandra Bernardes. III. Galvão, Elder. IV. Título.

24-205332

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasília : Distrito Federal : História : Literatura infantil 028.5
2. Brasília : Distrito Federal : História : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB - 1/3129

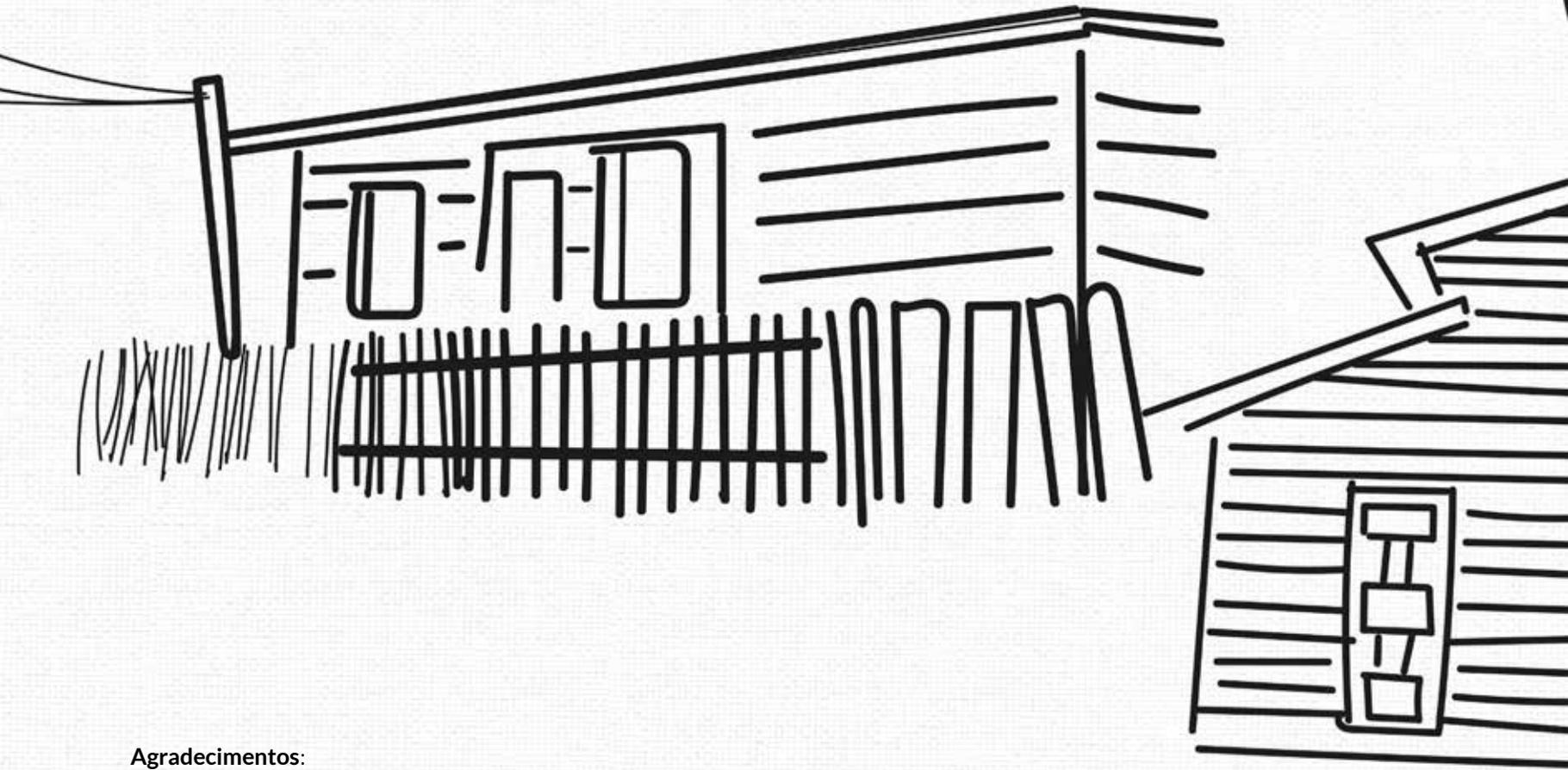
José Mauro Gabriel
Francisco Ricardo Costa Pinto
Sandra Bernardes Ribeiro

**QUEM
CONSTRUIU
BRASÍLIA?**

A horizontal wooden plank with three silver nails is positioned behind the word 'CONSTRUIU'. The plank has a natural wood grain and is slightly tilted. The nails are located at the top right, middle left, and bottom left corners of the plank.

Ilustrações: Elder Galvão

Brasília, 2024.



Agradecimentos:

*Carlos Madson Reis, José Carlos Córdoba Coutinho, Fátima de Macedo Martins,
José Walter Nunes, Maria Elaine Kolrsdorf, Marta Litiwnchik,
Rafael Ribeiro Gontijo, Silvio Cavalcante e Vera Bosi de Almeida.*

Fotografias:

Arquivo Público do Distrito Federal, José Mauro Gabriel e Rafael Ribeiro Gontijo.



*Dedico esse livro aos netos
caçulas Artur, Malu e Sofia.*

José Mauro Gabriel

*Dedico esse livro a meus
sobrinhos-netos Elisa, Heitor,
Louise, Joaquim, Maria Teresa e
aos outros que virão.*

Francisco Ricardo Costa Pinto

*Dedico esse livro ao meu neto
Tom e aos outros que virão.*

Sandra Bernardes Ribeiro

PREFÁCIO

Você nasceu em Brasília? Seu pai ou mãe nasceram em Brasília ou em outras cidades? Seus avós ou bisavós, onde nasceram? Muitas pessoas que moram em Brasília não nasceram aqui. Muitas delas vieram, há muitos anos, em busca de melhores oportunidades de vida para si e suas famílias e por isso trabalharam e trabalharam muito na construção desta cidade e aqui ficaram.

Você já ouviu falar que Brasília é uma cidade diferente de muitas outras porque ela foi primeiramente desenhada e planejada para só depois ser construída? Ou que Brasília foi concebida por um urbanista chamado Lucio Costa, responsável por esse desenho chamado plano urbanístico, que lembra o formato de um avião? Ou que edifícios como o Palácio da Alvorada, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto ou a Catedral foram projetados por um arquiteto chamado Oscar Niemeyer? Mas será que Brasília foi criada assim - zapt! - por um passe de mágica? Não!

Neste livro você vai descobrir e conhecer a história de outros lugares desta cidade, nem tão famosos assim, mas que foram muito importantes para que você pudesse ter nascido em Brasília, são os acampamentos operários ou dos pioneiros. A Sandra, o Ricardo e o Zé Mauro – que também nasceram em outras cidades e vieram morar em Brasília – resolveram contar esta história para crianças como você. Eles pesquisaram, estudaram muito e descobriram outras histórias e outras memórias de Brasília, de pessoas que nem sempre são escutadas para contarem suas histórias e, menos ainda, terem essas histórias publicadas em um livro.

Ao ler este livro você vai descobrir outros lugares como os locais de moradia dos trabalhadores, que para aqui vieram, transportados nas carrocerias de caminhões com cobertura de lona, entre os anos 1956 e 1960. Eles trabalhavam muitas horas por dia, dormiam em espaços coletivos, comiam o que era

oferecido, lazer quase não tinham, e, no início da construção da cidade foram proibidos de trazerem suas famílias. No entanto, eles contam, com um leve sorriso, o quanto se orgulham de ter participado da construção da cidade.

Vai descobrir também que era tanta gente, mas tanta gente que veio trabalhar nesta época, que quando Brasília foi inaugurada, em 21 de abril de 1960, os trabalhadores e suas famílias se recusaram a retornar aos seus lugares de nascimento, como queriam algumas autoridades. Eles não saíram e continuaram trabalhando por aqui, porque ainda tinha muita obra para ser construída. Apesar de trabalharem por muitas horas, viverem longe de suas famílias ou em moradias improvisadas ou terem sofrido acidentes nas obras da construção civil, eles viam que aqui os salários eram melhores e os direitos do trabalhador eram por lei mais garantidos e respeitados.

E, por fim, na leitura deste livro, você vai entender que os acampamentos pioneiros - Vila Planalto, Candangolândia, Paranoá e o Núcleo Bandeirante - com o passar do tempo, foram transformados em vilas, cidades, formando a grande Brasília, o Distrito Federal, e muitas foram locais de moradia dos trabalhadores e suas famílias. Muitos deles ainda vivem lá com seus filhos, netos e bisnetos - será que você é um deles?

Marta Litwinczik
José Walter Nunes

Brasília, 2024.





Capítulo I

VISITA AO MUSEU DA REPÚBLICA





Olá, amigos, tenho um convite para vocês!

Me chamo Juca, tenho dez anos e moro na Vila Planalto, em Brasília. Quero contar para vocês, com a ajuda dos colegas da minha escola, uma história legal sobre a construção de Brasília.

Tudo começou quando saímos para um passeio com a nossa professora Helena... a gente foi naquele museu em formato de bola...O Museu da República. Lá, a gente conheceu três pessoas que ajudaram a montar uma exposição bem legal que estava rolando sobre a história de Brasília... os arquitetos Sandra, Zé Mauro e Ricardo, que nos contaram muita coisa legal sobre nossa cidade.

Lembro que eu e meus amigos ficamos admirados de saber que os trabalhadores da construção de Brasília moravam em construções de madeira nos chamados acampamentos pioneiros.

Vendo nossa curiosidade, a professora, logo imaginou uma atividade muito legal, que acabou se transformando numa tremenda aventura cheinha de surpresas e novas descobertas. Olha só como tudo aconteceu!



SAIBA MAIS! p. 78

- Exposição “O Brasil em Brasília”
- Arquitetos
- IPHAN



– Queridos alunos, vocês sabem o que é patrimônio cultural?

– Não, professora!

– O patrimônio cultural é tudo aquilo que ajuda a contar a nossa história, quem nós somos, o que gostamos, o que sabemos e valorizamos enquanto um grupo e queremos que seja preservado. Como ficaram curiosos com a história dos acampamentos pioneiros, quero propor um desafio para a turma, vamos juntos fazer uma pesquisa pra conhecer a história daqueles que construíram Brasília e entender porque esses acampamentos pioneiros são tão importantes.

– Nossa, que ideia genial professora!

– E tem mais, conversei com os arquitetos e adivinhem o que eles falaram? Que querem ajudar vocês a escrever um livro com tudo que for descoberto nessas pesquisas, o que acham?

– Uau, professora, muito show, já estou até me imaginando dando autógrafos no dia do lançamento!

– Calma, Juca, até o livro sair do forno a gente vai ter muito trabalho.



– Sabe, professora, eu sempre tive curiosidade de saber quem construiu Brasília. Uma vez perguntei pra minha mãe e ela me disse que tinha sido o presidente JK. Mas sabe, como é que uma pessoa sozinha poderia construir uma cidade inteira.

– Você está certo, Toninho, quando a gente terminar a pesquisa vai saber um pouco mais sobre os acampamentos pioneiros e a história dessas pessoas simples e muito trabalhadoras, que com muito sacrifício e esforço, construíram Brasília. Vocês viram na exposição que a cidade é admirada não só no Brasil, mas no mundo inteiro e, por isso considerada patrimônio cultural da humanidade.

– Que legal, professora! E esses acampamentos ainda existem?

– Boa parte sim, Isabel. E a nossa Vila Planalto é um deles! Mas tem também outros como o Núcleo Bandeirante, a Candangolândia e o Paranoá.

– Nossa, professora, eu moro lá na Vila Planalto e não sabia nada disso.

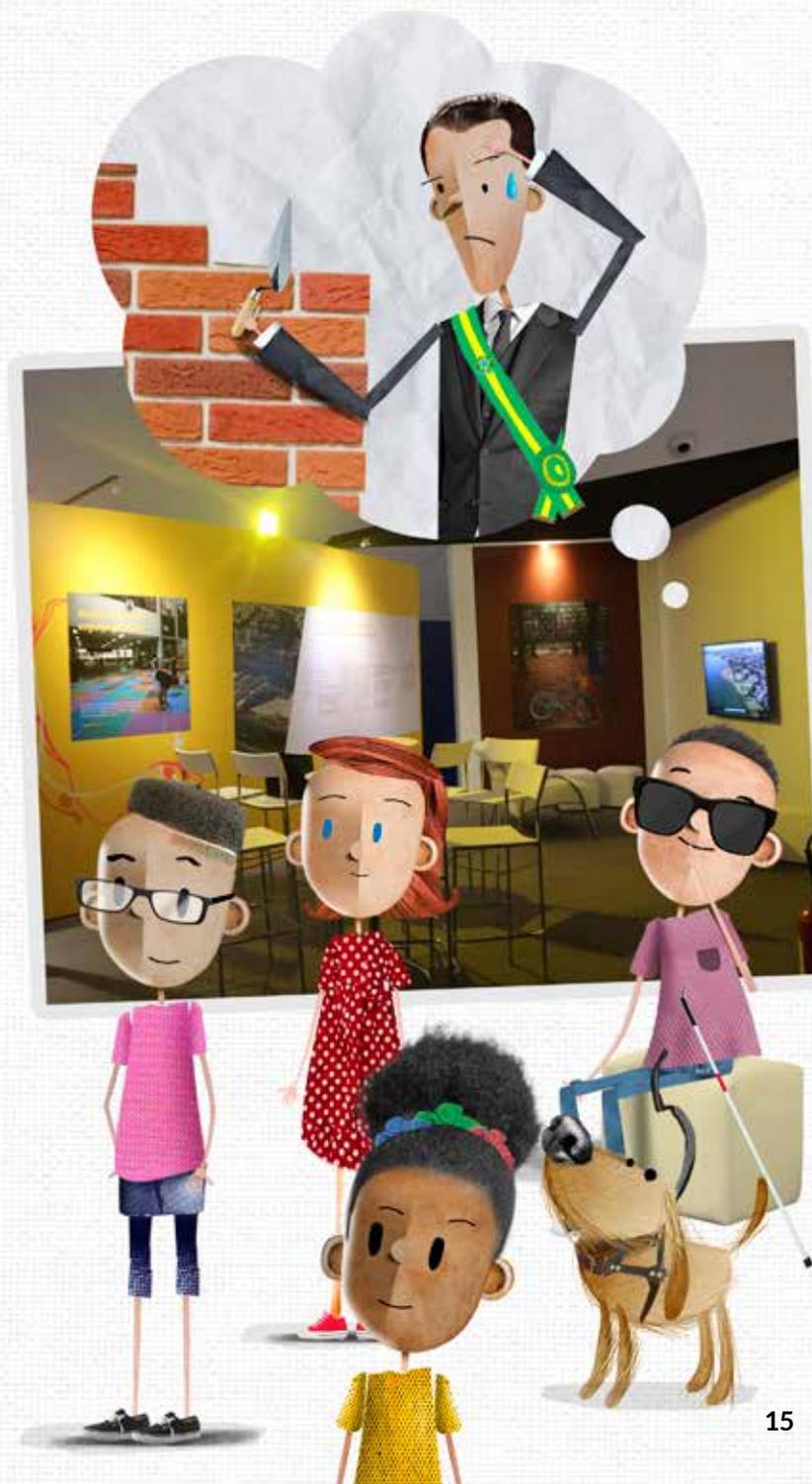
– Pois é, por isso que achei legal propor essa atividade.

– Então, vocês querem ou não saber como será o nosso desafio?

– Claro que queremos, professora!

– Então prestem atenção que vou explicar. Vamos precisar de quatro equipes para buscar as informações sobre os acampamentos.

– A Vila Planalto ficaria com a equipe liderada pelo Juca; a Candangolândia com a da Isabel; o Núcleo Bandeirante, a do Toninho; e no Paranoá a pesquisadora chefe seria a Mariana. O que vocês acham?



– Bom demais professora!

– Como é uma atividade a ser feita fora da escola, cada equipe seria acompanhada por um adulto, podendo ser um familiar ou professor. No caso do Toninho, por causa da sua condição especial de pessoa com deficiência visual, a professora Alda, que é a sua monitora iria e, claro, o Pudim seu cãozinho guia também, kkk! As outras equipes ficam

livres pra escolher quem os acompanhará.

– Cada equipe entrevistará uma pessoa que conheça a história do acampamento e, ao final, fará uma redação, registrando suas descobertas. Depois teremos uma aula especial, onde vamos apresentar os resultados. Sandra, Zé Mauro e Ricardo, podemos contar com a presença de vocês?





NÚCLEO BANDEIRANTE



– Claro que sim, será bem legal ver o material que vocês conseguiram e que vai para o livro que faremos juntos.

– Nossa, tô adorando essa aventura! Quando chegar em casa vou dizer que agora serei uma pesquisadora e escritora de livros, kkk!

– Uau, que irado, vou chamar minha mãe, ela também é arquiteta e adora uma aventura, principalmente quando se trata de Brasília!

– Muito bom, Juca!

Vai ser show de bola! A gente vai aprender muita coisa nova, e vocês amigos e amigas que estão aí do outro lado, quem sabe, poderão fazer essa atividade de pesquisa também aí na sua escola e descobrir na cidade muito mais lugares legais, que são importantes para vocês. Como disse a nossa professora – Tem muita história espalhada por Brasília e os acampamentos são apenas parte delas.

Ah, e nada de guardar as informações só pra você, trate logo de dividir com outros amigos, como disse a professora, quanto mais gente souber, mais a história de nossa capital será conhecida e preservada. Vamos em frente, senta aí em um lugar bem legal e vamos nessa! A aventura tá só começando.



PARANOÁ





Capítulo II

VILA PLANALTO



EQUIPE:
Juca, Léo, Marta,
Clara e Carlos

“O patrimônio não é só traços arquitetônicos, o patrimônio também é nossa história, nosso povo, nossa gente, nossa memória”.

(Trecho da música de Edimilson Batista dos Santos, morador da Vila Planalto).

No dia seguinte fomos com minha mãe Têca visitar o meu avô na Vila Planalto para começar a pesquisa. Ele foi um pedreiro dos bons hein! Se chama José, mas todo mundo na Vila conhece ele como Seu Zé Formiga. Ah, já ia me esquecendo, ele trabalhou na construção de vários edifícios importantes de Brasília, como o Congresso Nacional e o

Palácio do Planalto, e sempre falou com muito orgulho de sua história.

Chegando lá, entrei correndo feito um furacão. Coitado do meu vô, estava deitado na rede e quase caiu de tanto susto, kkk!!!



– Vovô, vovô, onde o senhor está? Precisamos muito de sua ajuda!

– Que susto Juca, quer me matar menino! Estou aqui no quintal! Venha cá! Tudo bem, Têca?

– Oi, Pai, tô aqui com o Juca e seus colegas, participando de uma aventura proposta pela escola, mas ele vai explicar!

– Que maravilha, que aventura é essa, Juca?

– Vovô, preciso que nos ajude com uma atividade da escola. Minha professora pediu para a gente pesquisar sobre a história da Vila Planalto. O grande lance, Vô, é conhecer essa história a partir de suas lembranças. Ela disse que aqui era um acampamento e, que tinha um montão de gente que veio de todo o Brasil. É verdade vovô? Queremos saber tudinho! Como foi viver em um acampamento? O senhor morou em um acampamento, né?

– Juca, é verdade, morei em um dos acampamentos, que ficava aqui mesmo onde nós estamos agora! Mas calma que já vou te contar tudo! Pegue um banquinho porque temos muito o que conversar! Vou contar pra você como era viver em um acampamento.

– Sabe Vô, eu e meus amigos tamos doidos pra conhecer essa história.

– Imagino!... curioso como você é! Venha logo, vamos conversar sobre um montão de coisas legais da época da construção de Brasília, essa cidade linda que se tornou a capital de todos os brasileiros.

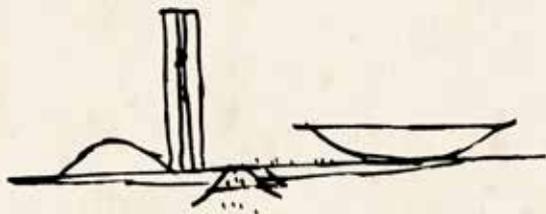


– Então, perto das obras de construção dos prédios mais importantes de Brasília foram montados vários acampamentos para os trabalhadores morarem, pelas empresas construtoras.

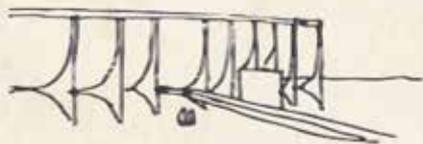
– Esses prédios são os palácios né vô?

– Sim, meu neto.

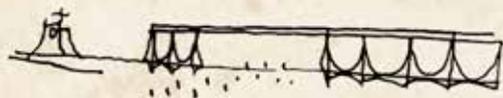
– Nossa, que legal. Mas conta, como era a vida nesses acampamentos, como as pessoas moravam, como eram as casas?



Congresso Nacional



Palácio do Planalto



Palácio da Alvorada

– Pera, vou contar lá do comecinho!... No ano de 1956, eu morava com meus pais e mais oito irmãos, em uma casa muito simples, lá numa cidadezinha muito bonita e especial, chamada Mamanguape, que fica no interior da Paraíba, perto de João Pessoa. Meus pais tinham uma vendinha. Eu ajudava sempre que podia, mas o que eu queria mesmo era ser pedreiro, pois adorava ver as casas sendo levantadas e a felicidade das pessoas quando entravam e viam suas casas prontas. Espere um pouco, vou pegar um álbum com algumas fotos e já te mostro meus pais e a casa onde a gente morava.

– Pronto, veja, essa era minha casa e esses eram os meus pais, tudo muito simples. Poxa, como sinto saudades dessa época. Meu pai fazia uns pãezinhos no formato de bichinhos, cobertos com melado de açúcar, que era uma delícia!



– Seu Zé, tô vendo aqui no meu celular e achei algumas informações sobre a cidade de Mamanguape. Que legal, ouçam esta: O imperador do Brasil – D. Pedro II esteve na cidade em 1859, tem até uma rua que se chama “Rua do Imperador”. Muito legal!

– Isso mesmo Carlos, esse fato realmente é famoso até hoje - eita menino danado - já foi logo vendo nesse tal de celular!

– Bem, continuando... naquela época, a gente sofria muito com a seca e fiquei sabendo pelo rádio e pelo jornal que estavam contratando gente para trabalhar na construção da nova capital do Brasil.

– Eu tinha só 18 anos. Conversei com meus pais e me juntei a outras pessoas que também se interessaram pelo trabalho e ficamos muito esperançosos de poder conhecer outros lugares menos sofridos e trabalhar na construção da nova capital.

– Lembro que meus pais ficaram preocupados, mas sabiam que lá eu nunca teria uma oportunidade como aquela. Na cidade, quase todos trabalhavam nas plantações de cana de açúcar do engenho, trabalho pesado para não ganhar quase nada. Nossa, eu não queria trabalhar em plantação de cana de açúcar.

– Pensa que grande desafio! Da cidade onde eu morava saiu um caminhão, cheio de gente pra trabalhar, foi uma viagem longa e cansativa, mas todos com muita esperança em conseguir uma vida melhor e até poder ajudar nossas famílias que ficaram lá no Nordeste. Ah, já ia esquecendo, minha mãe preparou uma sacola com algumas comidas, pra ajudar a matar a fome no caminho até Brasília.

– E olha que não foi uma viagem muito fácil não, o caminhão sacolejava o tempo todo!

– Sacolejava Vô? Como assim? Por quê?

– Balançava muito Juca, pois as estradas não eram muito boas naquela época, tinha muitos buracos e muita poeira. Não tinham asfalto, como vemos hoje.

– Seu Zé, e como era esse caminhão?

– Martinha, era um caminhão, onde a gente se sentava em vários bancos de madeira na parte de trás. Era muito desconfortável e pra segurar um pouco a poeira e a chuva, em cima tinha uma cobertura feita de lona. Era chamado de pau-de-arara. Levamos duas semanas pra chegar até aqui, a comida que minha mãe deu não tinha mais nem farelo!



– Nossa vovô, difícil mesmo hein?!

– Sim Juca, mas foi assim que muita gente veio pra cá! Apesar das dificuldades, durante a viagem acabei fazendo muitas amizades. Depois de muitos dias de calor e poeira na estrada, chegamos a Brasília. Fiquei assustado com o povaréu que não parava de chegar, todo mundo animado e cheio de energia para o trabalho.

– Chegando aqui, a gente era levado para as empresas construtoras para conseguir uma vaga de trabalho. Mas, alguns já chegavam fichados pelas empresas e outros não tinham experiência e começavam a trabalhar assim mesmo.

– Fichados Vô? O que é isso?

– Sim, é o que se diz quando você é registrado e passa a trabalhar na empresa com carteira assinada.



– Ah, agora entendi!

– Cada empresa construtora tinha o seu acampamento, com vários tipos de moradias – as casas ficavam com os engenheiros. Os operários sem família ficavam em alojamentos com dormitórios coletivos, que eram galpões sem paredes divisórias com todo mundo dormindo no mesmo lugar. Nos alojamentos as camas eram com colchão de capim e com uma cobertinha simples. E tudo era controlado pela empresa construtora. Depois com o tempo muitos outros trabalhadores foram chegando com suas famílias e construíram suas casas fora dos acampamentos, se virando como dava.

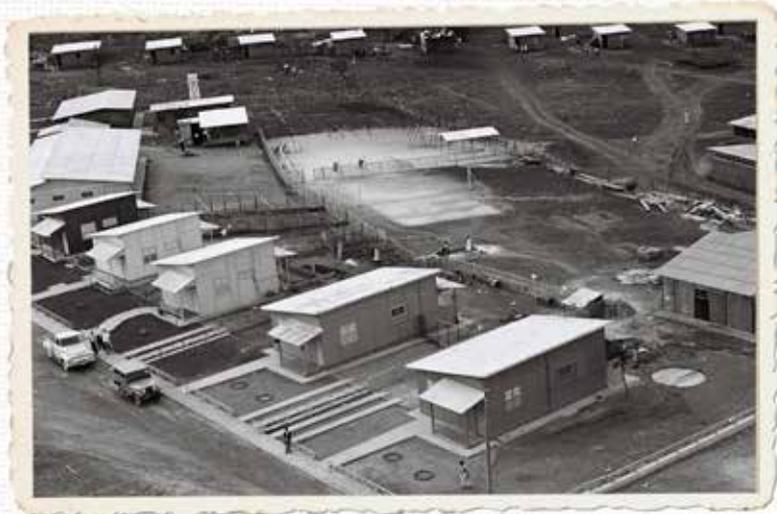
– Controlado como, Seu Zé?

– Clarinha, tinha horário certo pra comer e dormir, controle de quem entrava e saía do acampamento e tinha polícia particular pra tomar conta de tudo o que acontecia lá dentro.

– E lá, tinha de um tudo, parecia uma cidade: tinha barbearia, vendinha, restaurante, e muitos outros comércios. As ruas pareciam mesmo de uma cidadezinha do interior. Eu fiquei num alojamento com outros amigos do nordeste, no acampamento da construtora Rabelo. Mas tinha também outros acampamentos, tudo isto, mais tarde foi chamado de Vila Planalto.

– Mas vô, quem morava no acampamento da Vila Planalto?

– Eram os operários que ajudaram a construir a Praça dos Três Poderes, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional e, também, os edifícios da Esplanada dos Ministérios e a Catedral. Várias empresas ocupavam esta área que era bem maior do que a atual Vila Planalto, afinal elas precisavam alojar muita gente.



– Meninos, vocês conhecem esses prédios?

– A gente já foi em alguns. Não é, mãe? Disse Juca.

– Sim, filho, já te levei na Praça dos Três Poderes e na visita guiada do Palácio da Alvorada, você até viu as emas, lembra?

– Verdade, mãe.

Mas Seu Zé, tinha muita gente mesmo? Tô aqui pensando...



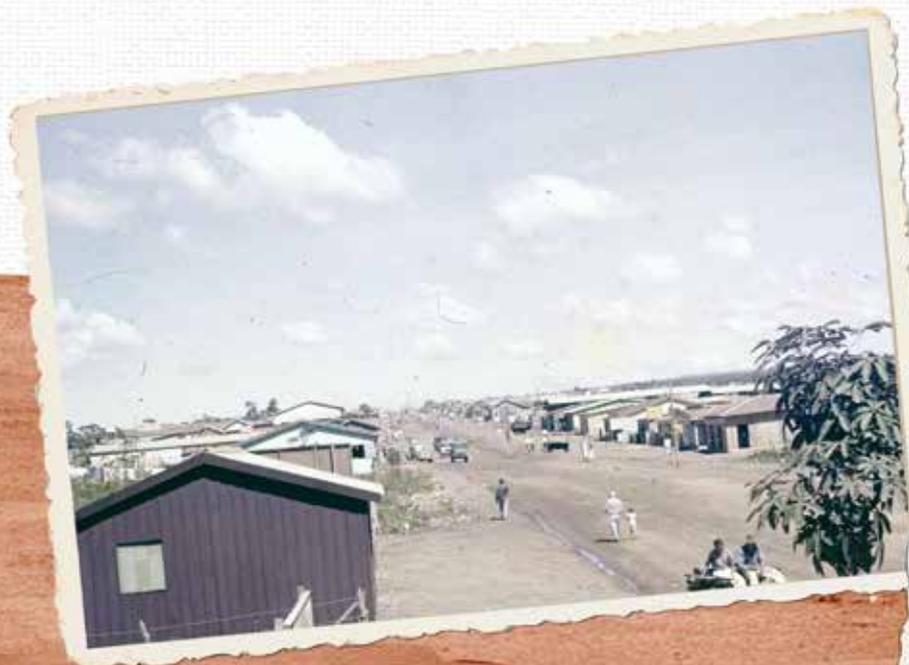
– Sim, Léo era um barulhão só, gente espalhada por toda parte. Famílias sendo formadas em meio a poeira de terra vermelha em todo o lugar. Fizemos amigos, batizamos as crianças e todo mundo se ajudava. Uns até foram padrinhos dos filhos de seus vizinhos.

– Tenho uma foto daquela época, veja como eu era bonitão!

– Vê, o senhor era lindão mesmo. Poxa, o lugar tinha muita gente e era bem aqui onde o senhor mora, que legal!

– Sim, era mesmo muita gente! A noite eu adorava ir até a vendinha do Seu Tavares, que fazia uns espetinhos muito bons. Lá fiz muitos amigos, lembro agora do Josinaldo, do Marivaldo e tantos outros. Quanta saudade daquele tempo! A gente trabalhava muito, era uma vida dura, mas a gente sentia um prazer danado em ver a cidade nascendo!

– Bem, no dia seguinte depois de fichado, eu comecei a trabalhar na construção do Palácio do Planalto onde o Presidente iria trabalhar. Nessa época, o Palácio da Alvorada, que seria a casa do presidente, já estava com as obras iniciadas. Disseram que era preciso terminar a construção desse palácio o mais rápido possível, pois quando o presidente visitava as obras da cidade, ele ficava numa construção provisória, feita de madeira, conhecida por Catetinho ou Palácio de Tábuas. Ele foi feito em 10 dias e dado de presente por um grupo de amigos que gostavam muito do presidente.



– Que presente danado de bom, né Seu Zé? Imagine só, ganhar um palácio de madeira de presente!

– É mesmo, e a gente pode visitar esse palácio, Vô?

– Claro que pode. Hoje ele funciona como um museu com objetos de época, inclusive com o fogão à lenha que existia, pra mostrar onde e como o presidente se hospedava quando vinha a Brasília para visitar as obras. E lá tem muitas árvores e uma nascente d'água. Tem até um pijama do JK, kkk!

– Peraí Vô, deixa eu ver as imagens do Catetinho aqui no meu celular:

– Que legal, Vô! A gente podia fazer um piquenique lá, né?

– Boa ideia, Juca! Vamos sim. E tem até uma história interessante sobre esse lugar. Foi lá, por causa dessa nascente, que o músico Tom Jobim e o poeta Vinicius de Moraes fizeram a música “Água de Beber”. Uma música muito conhecida da época da Bossa Nova. Eles estavam hospedados lá, porque tinham sido convidados por JK para conhecer a cidade e compor o hino de Brasília.

– Tem até uma foto que é bem famosa dos dois músicos lá no Catetinho, essa eu tenho certeza de que você acha aí em seu celular.

– Tá aqui Vô, achei a foto, veja que legal! Tem até a música, ouve aí Vô.

– Que legal essa música!



– Ah, lembrei de outra coisa meninos, junto ao Catetinho foi construído outro edifício chamado de “Catetão” que servia para hospedar os visitantes e depois foi desmontado. Lá ainda estão alguns restos da construção do edifício, vou mostrar em nosso piquenique, fica perto da antiga caixa d’água.

– Vamos continuar. Certo dia, em meio ao movimento da obra, fui até o barracão da administração resolver umas coisas. Lá fiquei observando o homem que desenhou o Palácio da Alvorada, explicando os detalhes para o Sr. Juscelino. Depois fiquei sabendo que ele se chamava Oscar Niemeyer, e era o arquiteto de todos aqueles prédios bonitos que estavam sendo construídos na cidade.

– Verdade pai, o Niemeyer projetou os prédios, mas o inventor da cidade foi um outro arquiteto e urbanista chamado Lucio Costa.

– Isso mesmo, Têca, boa lembrança!

– Mãe, você já me falou que urbanista é a pessoa que desenha as ruas da cidade, certo?

– É isso, na verdade ele é o responsável por planejar a cidade também, no caso de Brasília tivemos um concurso para a escolha do melhor projeto e o Lucio foi o vencedor.

– Vô, fiquei aqui com uma pulga atrás da orelha, o Sr. Juscelino era o presidente JK?

– Isso, ele mesmo.

– Nossa Vovô, que irado! O senhor conheceu o presidente?

SAIBA MAIS! p. 79

- Catetinho
- Bossa Nova
- Nascente

– Não só conheci, como tenho até uma foto com ele, feita pelo fotógrafo oficial, que é bem conhecido, como era mesmo o nome dele????!!! Peraí que já lembro, sim, lembrei!... Mário Fontenelle! Moço simples e bom demais. Depois, ele até me deu a foto, veja aqui:



– Nossa Vô, que bacana, quero levar essa foto lá pra escola, vou deixar todo mundo de boca aberta, kkk! E eu, vou ficar todo orgulhoso, meu Vôzinho e o presidente JK, muito legal mesmo!

– Pode levar Juca, vi o presidente várias vezes de perto, pois ele, de vez em quando, aparecia lá no canteiro de obras. Homem simples, sempre tinha uma palavra ou um elogio pra dar pros candangos e estava o tempo todo muito animado ao ver aquela cidade surgindo do nada!

– Candango? O que significa mesmo Seu Zé? Já ouvi falar, mas não tô lembrando!

– Era o nome dado para os trabalhadores da construção, os candangos!

– Vejam aqui esta foto, que bonita, as pessoas chegando com suas malas e seus sonhos. Eita, quanta lembrança, fico emocionado quando lembro!

SAIBA MAIS! p. 79

- Mário Fontenelle
- Candangos



– Como eu ia dizendo, o tempo foi passando e a cada dia o Palácio ficava mais bonito, até que chegou o dia da inauguração. Foi nesse dia que conheci Rosinha, filha de um comerciante da Vila Amaury, que ficava ao lado do Acampamento da Vila Planalto.

– Pense numa moça bonita! Foi amor à primeira vista, meses depois nos casamos, na Vila, numa Igrejinha bem simples em madeira, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompeia. A festa foi linda demais, dançamos forró até o dia amanhecer.

– O Senhor dançando forró Vô?

– Sim, eu mesmo, até hoje ainda arrisco uns pas-sinhos.

– KKK, isso eu gostaria de ver vovô, o senhor e a vó Rosinha dançando forró!

– É verdade Vovó? A Senhora tem alguma foto do casamento? Posso ver?

– Juca, veja essa foto, eu e seu avô, no dia de nosso casamento, lá atrás, dá pra ver a igrejinha que seu avô falou, muito linda mesmo.



– Nossa, como vocês estavam bonitos!

– Inclusive Juca, anos depois sua mãe também se casou com seu pai nessa igreja, e você foi batizado lá. Eita menino chorão, chorou muito quando o padre derramou a água sobre sua cabeça, kkk!

– Que legal Vovó, esse lugar conta mesmo a história de todos nós.

– Quando a igreja pegou fogo, a população se juntou e lutou muito para que ela fosse reconstruída, porque a história de cada um estava relacionada àquela igreja. E eles escreveram uma faixa muito bonita: “Um povo sem memória é um povo sem presente e sem futuro!”

– Mas Dona Rosinha, tô aqui pensando agora, tinha mulher no meio da obra? Me fale um pouco sobre isso?

– Clara, isso não é contado, se fala muito dos homens, mas se esquecem de falar das mulheres, que também participaram dessa história. Você acha que esse montão de homem conseguiria fazer tudo sozinho? Até parece! Não é mesmo, Têca?

– É verdade, mãe! As mulheres trabalhavam como lavadeiras, cozinheiras, parteiras, professoras, arquitetas, administradoras em escritórios das empresas construtoras, além de serem donas de casa, como sua avó Rosinha.



– O tempo foi passando e o trabalho aumentando em ritmo acelerado, assim como o tamanho do acampamento. O corre-corre era pra terminar a construção da Praça dos Três Poderes e da Esplanada dos Ministérios, pro dia da inauguração. Era mais gente chegando pra ajudar na obra e mais gente para morar aqui! A vida aqui era dura: a gente trabalhava dia e noite, e quando chovia tinha muito barro e na seca havia muita poeira. A gente só ouvia barulho de trator e martelo, dia e noite, contou a avó do Juca.

– Veja essas fotos que consegui, são do Fontenelle, olhe só que beleza:



– Que legal Vó, era muito trabalho mesmo!

– Sim Juca, muito trabalho! Aos poucos fomos “fincando pé” nesse lugar, construindo nossa história e formando nossa família. Em 1960, a gente já tava nessa casa que estamos até hoje. Veio o primeiro filho, o Antônio, depois foi a vez da sua mãe, Têca, depois a Estela, e por último o Manoel.

– Nossa Dona Rosinha!!! Tô aqui pensando o quanto deve ter sido difícil criar tantos filhos.

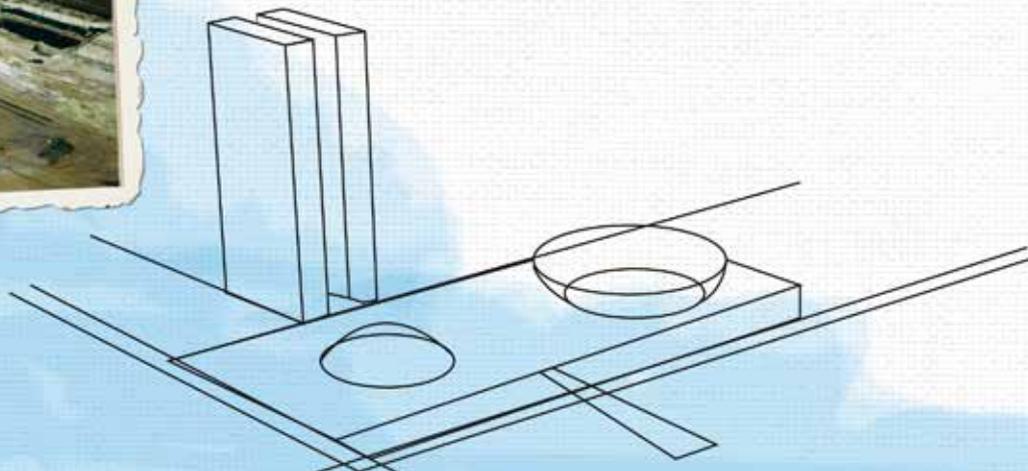
– Era mesmo! Tinha dia que a comida era pouca e a gente dividia o que tinha. Vixe, às vezes faltava água, as vezes faltava luz, nem tudo eram flores, mesmo assim as crianças ainda achavam um jeito de se divertir.

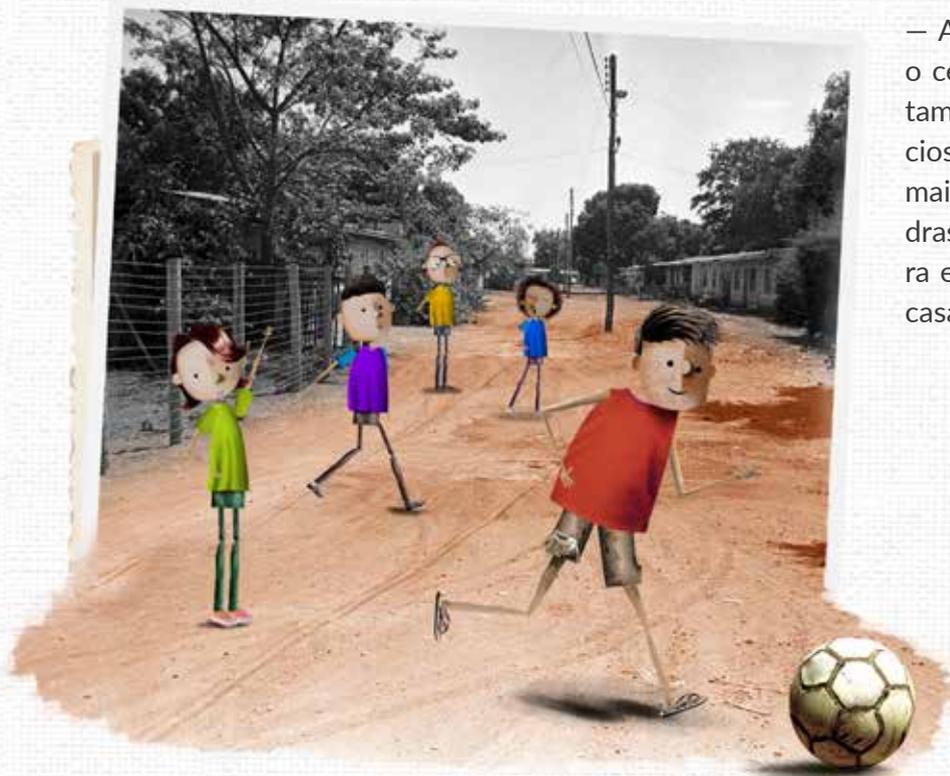
– Onde?

– Viviam todos sujinhos de tanta poeira do acampamento, pois adoravam correr e brincar pelas ruas improvisadas e no meio de material de construção.

– Verdade, minha velha, tá vendo como a Rosinha participou de tudo?

– Zé, veja, tenho aqui nessa caixinha algumas fotos daquela época, olha que bacana essa da criançada jogando bola.





— A vista lá de cima era muito bonita. De lá a gente via o cerrado se esparramando até bem longe. Dava pra ver também os prédios dos ministérios e os outros dois palácios sendo construídos em volta da praça, a rodoviária e, mais distante, os edifícios de apartamento das superquadras. Tudo cercado de máquinas, gente trabalhando, poeira e muita terra vermelha. Dava pra ver também a nossa casa e o acampamento todinho.

— Que legal Vó, esse era o Tio Antônio? Bom de bola hein! É até difícil de imaginar uma cidade aparecendo no meio de tanta poeira, quem vê Brasília hoje não imagina como tudo era antes!

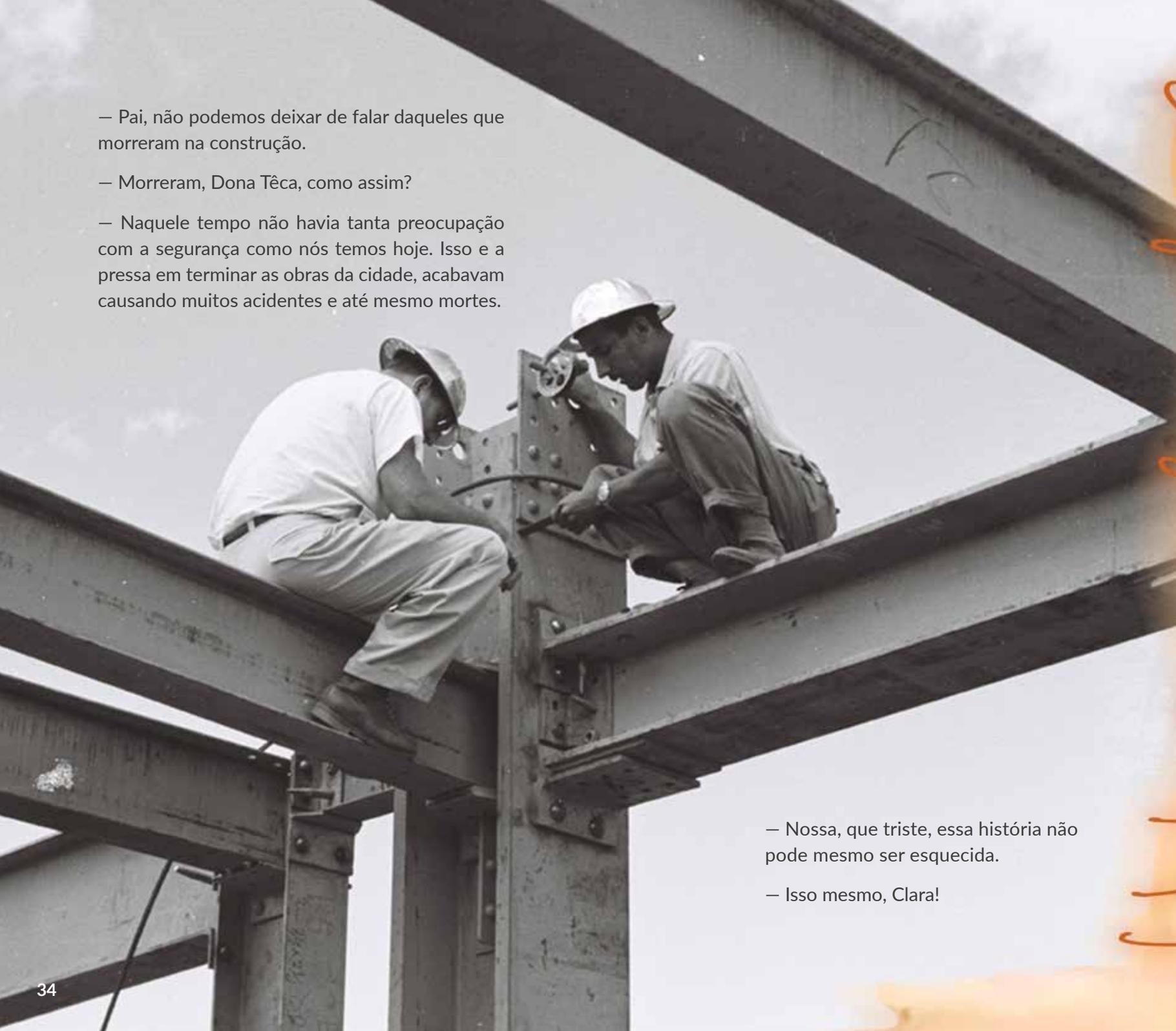
— Pois é Juca, no meio dessa poeira toda, aos poucos Brasília foi ficando de pé e olha meu neto, cada vez mais bonita. Eu continuei trabalhando, depois fui ajudar a construir o Congresso Nacional. Eita prédio grande e alto, ficava com bastante medo quando a gente tinha que trabalhar no andar de número 28, e nem gostava de olhar lá prá baixo.



– Pai, não podemos deixar de falar daqueles que morreram na construção.

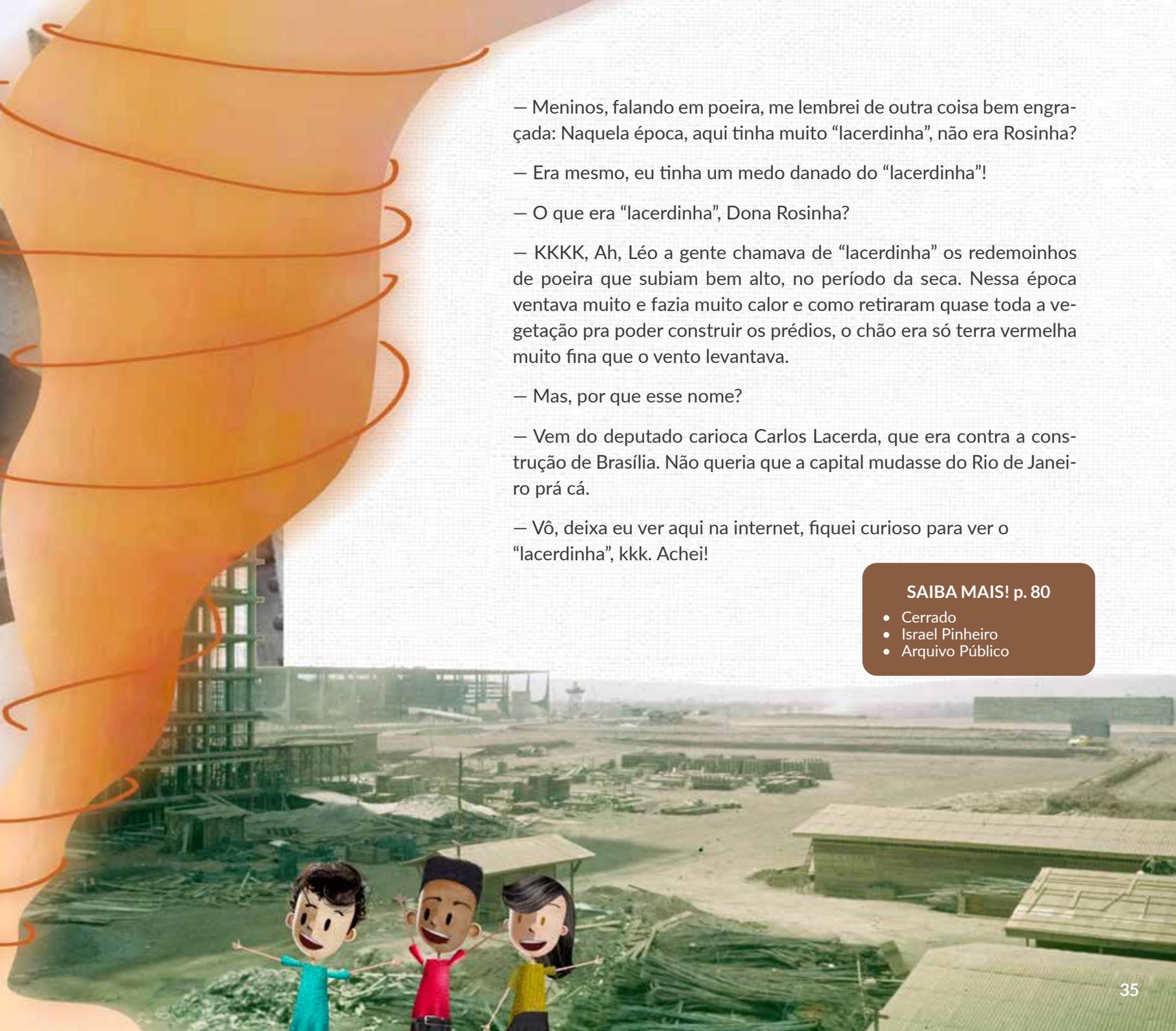
– Morreram, Dona Têca, como assim?

– Naquele tempo não havia tanta preocupação com a segurança como nós temos hoje. Isso e a pressa em terminar as obras da cidade, acabavam causando muitos acidentes e até mesmo mortes.



– Nossa, que triste, essa história não pode mesmo ser esquecida.

– Isso mesmo, Clara!



– Meninos, falando em poeira, me lembrei de outra coisa bem engraçada: Naquela época, aqui tinha muito “lacerdinha”, não era Rosinha?

– Era mesmo, eu tinha um medo danado do “lacerdinha”!

– O que era “lacerdinha”, Dona Rosinha?

– KKKK, Ah, Léo a gente chamava de “lacerdinha” os redemoinhos de poeira que subiam bem alto, no período da seca. Nessa época ventava muito e fazia muito calor e como retiraram quase toda a vegetação pra poder construir os prédios, o chão era só terra vermelha muito fina que o vento levantava.

– Mas, por que esse nome?

– Vem do deputado carioca Carlos Lacerda, que era contra a construção de Brasília. Não queria que a capital mudasse do Rio de Janeiro prá cá.

– Vô, deixa eu ver aqui na internet, fiquei curioso para ver o “lacerdinha”, kkk. Achei!

SAIBA MAIS! p. 80

- Cerrado
- Israel Pinheiro
- Arquivo Público

— Voltando então para nossa história... Em 1960, a cidade foi inaugurada, com uma festança. No dia 21 de abril todos tiveram folga, o povo colocou sua melhor roupa e foi todo mundo pra praça dos Três Poderes assistir o Presidente JK fazer um discurso que deixou o povo emocionado. Foi mesmo uma festa bonita, soltaram fogos de artifício e houve a entrega das chaves da cidade para o primeiro prefeito: o Sr. Israel Pinheiro. Eu e a Rosinha estávamos lá também.

— Meninos, vocês podiam combinar uma visita ao Arquivo Público do DF. Acho que vão adorar, lá tem muita foto bonita da construção de Brasília, tem até depoimentos de pessoas que moraram nos acampamentos, sugeriu Têca.

— Filha, agora você me fez lembrar da Ivone, moradora antiga lá do Paranoá, que eu conheço. Uma vez ela me falou que tinha sido convidada pra gravar um depoimento sobre sua vida no acampamento.



– Eita, Vô, o Paranoá já é tarefa de outra equipe, mas vou passar essa dica da Dona Ivone, valeu Vô!

– Mas então, logo depois da inauguração, começou uma conversa meio esquisita, que o nosso acampamento ia ser desmontado, fiquei muito preocupado. Onde a gente iria morar? Pra onde ia levar minha família? A gente já tinha se apegado ao lugar, ele já tinha um pouco de nós, das coisas que gostávamos e do nosso jeito de viver. Até árvore eu plantei. Os vizinhos eram amigos... Tinha a Igreja que a gente ia todos os domingos...

– E aí vô, o que aconteceu?

– Foi muito difícil ver algumas famílias serem levadas para as novas cidades que foram construídas bem longe do acampamento. O governo oferecia um terreno, onde a gente tinha que construir nossa nova casa. Alguns aceitaram e foram, outros resistiram e ficaram aqui. Muitos foram morar em Taguatinga, Sobradinho, Gama. Quanta luta!

– Seu Zé, a professora falou que uma parte da Vila está embaixo do lago Paranoá, é verdade?

– Sim, ela deve tá falando da Vila Amaury, que era onde a Rosinha morava antes de casar comigo. A Vila ficava lá onde o lago inundou. Não era pra construir naquele lugar, mas, pra ficar perto dos acampamentos das construtoras, muitas pessoas fizeram lá os seus barracos.

– Inundou como?

– Sim, vocês não sabiam?! O lago Paranoá é artificial e assim que fecharam a represa a água inundou tudo e formou esse lago bonito que conhecemos. As famílias que moravam na Vila Amaury, não acreditavam que o lago iria até lá e tiveram que sair correndo quando a água cobriu tudo.

– Nossa, vô, quanta coisa o senhor viveu!

– Pois é, mas sou feliz porque, como muitos outros, conseguimos ficar aqui na Vila Planalto, onde estamos até hoje.

SAIBA MAIS! p. 80

- Taguatinga
- Lago Paranoá



- Mas Vô, espere um pouco! O senhor falou que as construções eram de madeira e hoje aqui na Vila Planalto não tem muitas casas de madeira, essa aqui mesmo só tem uma parte em madeira, o restante já é de tijolo, por quê?
- Essa pergunta eu consigo ajudar, pai.
- Juca, isso aconteceu porque as paredes de tijolo são mais resistentes e duram mais. Ficava muito caro cuidar da casa de madeira.
- Isso mesmo, mas meu neto, depois que a gente conseguiu o direito de ficar aqui, a gente foi modificando aos poucos, aumentando a casa. Para nós a casa de madeira era um barraco e queríamos que ela fosse melhor.
- E como vocês conseguiram ficar aqui se eles queriam demolir as casas, Seu Zé?
- Sabe, Carlos, quando quiseram tirar a gente houve um movimento de moradores para não demolir a Vila e a gente continuar morando aqui.
- Para nós a vila tem um significado muito grande. Como ela faz parte da história das nossas vidas, nós achamos importante que ela fosse preservada. Aí, em 1988, a Vila Planalto foi tombada pelo governo do Distrito Federal e nós conquistamos o direito de ficar aqui.
- A vila foi tombada? Mas, o que significa isso, Seu Zé?
- Vou deixar minha filha responder!
- Marta, significa que o governo do Distrito Federal reconheceu o valor da Vila como patrimônio cultural e por isso ela deve ser preservada.
- Vô, o senhor tem alguma foto de como era naquela época?
- Sim, vou pedir para sua avó mostrar! Rosinha, pode trazer aquele outro álbum antigo?
- Sim, meu velho, só um pouco. Primeiro vou servir uma limonada com broa de fubá, que seu Vô fez. É bom dar uma paradinha, as crianças devem estar com fome, né?
- Vovó, como a senhora adivinhou!? Estou com uma fome danada, ou melhor, “arretada”, como diria o vovô, kkk! Mas, a história tá tão boa que até me esqueci da fome.
- Meninos, enquanto comem, vejam! A Vila era assim naquela época... Olha a nossa casa, no mesmo lugar onde estamos. Muitas casas eram parecidas porque eram feitas pela construtora. Veja bem, a parte da frente ainda está bem parecida, apenas a cor é diferente, a parte de trás já foi alterada, aumentamos pra caber todo mundo. Mas veja as outras casas, era tudo muito simples mesmo!
- Nossa vovó, era muito legal mesmo, fico imaginando como era a vida nessas casinhas de madeira, com um quintal cheio de mangueiras e espaço pra brincar!
- Era uma vida de muito trabalho meu neto, enquanto seu avô trabalhava na construção, eu ficava aqui, cuidando da casa. Não era fácil, pois no início era tudo meio improvisado, mas conseguimos, com muito esforço criar a família.
- Bem, essa é a história de nossa família que se mistura com a da Vila Planalto, espero que tenham anotado tudo.
- Tô orgulhoso de ser neto de vocês dois! Então já vamos indo, ainda temos que organizar tudo que anotamos pra apresentar na escola.

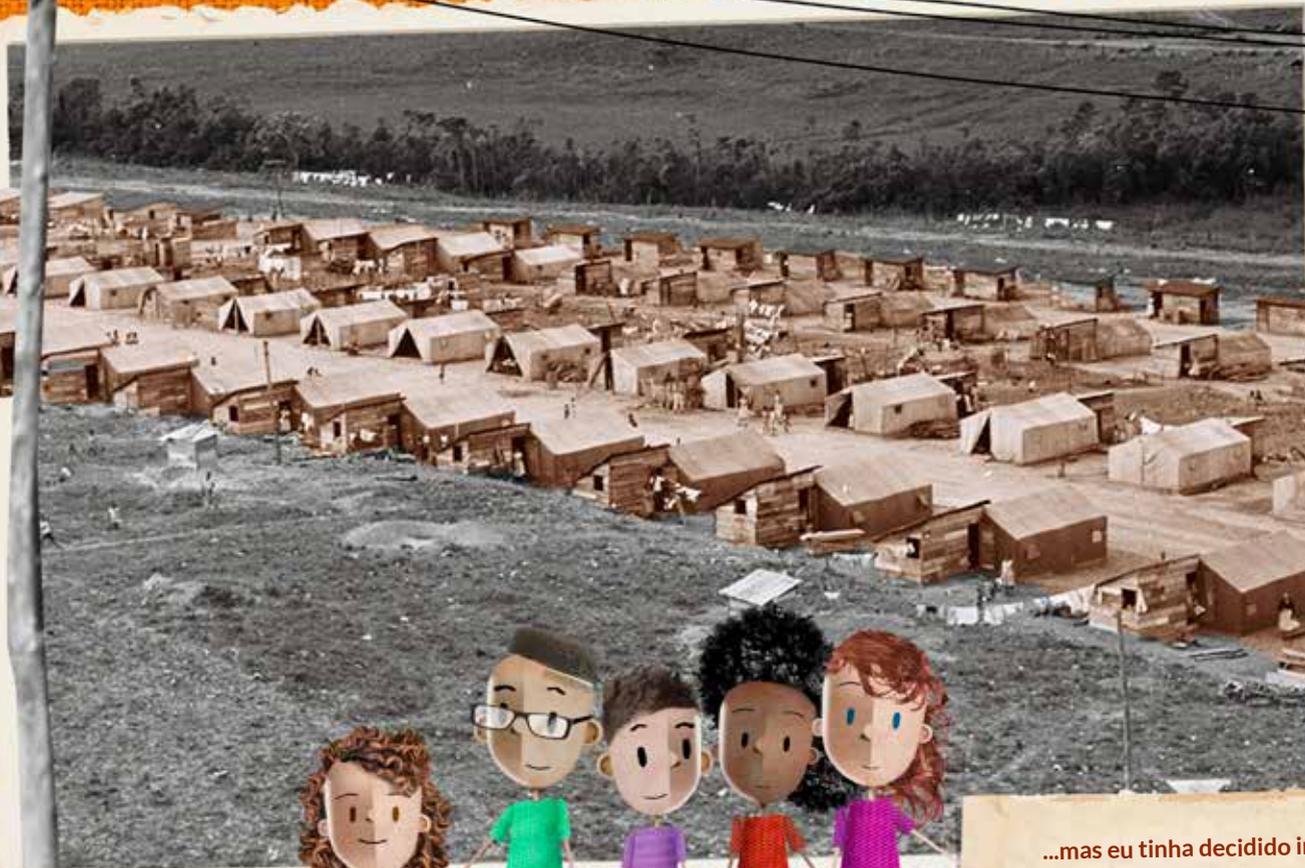


Vô, valeu mesmo,
o senhor é 10!!!

Muito bom,
Seu Zé!

Capítulo III

CANDANGOLÂNDIA



EQUIPE:
Isabel, Nicolás, Pedro,
Rafaela e Malu

...mas eu tinha decidido ir pra Brasília e
aguardei tudo sem reclamar,
o cansaço, a poeira, o balanço da carroceria
e a fome...
... segui viagem rumo à terra da esperança,
onde se dizia que tinha muito trabalho...



No dia seguinte liguei e contei as novidades para minha amiga, Isabel. Ela estava bem animada para visitar a Candangolândia, seu parceiro seria o pai, o Sr. Juvenal, um professor de história, que dava aula em uma escola classe do Guará.

Eu estava tão animado com tudo que havia descoberto que mal deixava ela falar.

– Juca, deixe eu ir, meu pai tá me chamando, depois te ligo, parece que ele tá mais animado do que eu, kkk.

– Pai, vamos, estou pronta, ainda temos que buscar o restante da equipe.

– Isso mesmo, Isa! Deixa eu te ajudar a entrar no carro e, depois guardo sua cadeira de rodas.

– Agora filha, na casa de quem é que vamos mesmo?

– Vamos pegar Nicolás, Pedro, Rafaela e Malu e, depois vamos para a casa do Seu Eriberto, que vai nos contar sobre a Candangolândia.

– Ah, tá bom, filha!



Não demorou e logo chegamos na casa dele, um senhor de 87 anos que veio do Ceará e mora lá na Candangolândia, desde o início da cidade.

Chegamos bem animados, e fomos recebidos com muito carinho. Pense em um homem bondoso, parecia um Papai Noel com aquela barbona branca, kkk. A gente se sentou numa mesinha com bolo baeta e suco de pitanga, típicos lá da terra dele e ficamos paradinhos enquanto ele contava tudo o que se lembrava daquela época.

– Gente, sejam bem-vindos à minha casa. Tô animado em poder contar pra vocês a minha história aqui na Candanga.

– Muito obrigado, Seu Eriberto, minha filha e seus colegas estão muito curiosos pra saber como era esse lugar na época do acampamento e, pra falar a verdade, eu também!

– Que bom, então vamos lá. Cheguei aqui no ano de 1957, quando deixei pra trás minha terra e minha família, lá no interior do Ceará, em uma cidadezinha chamada Icó e segui viagem rumo à terra da esperança, onde se dizia que tinha muito trabalho.

– Como muita gente, eu também viajei em um pau-de-arara, pense numa viagem ruim, vixe! Só de pensar me dá até dor nas costas.

– Mas eu tinha decidido ir pra Brasília e aguentei tudo sem reclamar, o cansaço, a poeira, o balanço da carroceria e a fome, pense? Passava por uma galinha na estrada e já imaginava ela no molho, com farinha, mas me virei mesmo foi com uma rapadura e com um saco de farinha, que minha mãe colocou na sacola em que levava minha roupa.

– Chegando aqui, a gente foi para o acampamento que na época era conhecido como Vila Operária. Lá perto tinha também uns acampamentos provisórios conhecidos como Lonalândia e Sacolândia, todos construídos no lugar onde hoje é a Candangolândia.

– Lonalândia e Sacolândia Seu Eriberto, por quê?

– Lonalândia era porque no começo, antes da construção das casas de madeira, foi montada aqui uma grande quantidade de barracas de lona. Eram cedidas pelo Exército

para poder abrigar os primeiros trabalhadores que chegavam, até as casas definitivas ficarem prontas.

– E, Sacolândia, era outro que ficava perto do acampamento da NOVACAP, com barracos cobertos de sacos de cimento vazios, material fácil de conseguir e não custava nada, era jogado fora como lixo.



SAIBA MAIS! p. 81

• Novacap

– Tinha casa desse jeito espalhada por todo canto. Tem até uma história interessante:

– Um colega meu escreveu uma carta para o pai, que morava no Ceará e disse que fez uma casa com 300 sacos de cimento. O pai imaginou que o filho tinha ficado rico. Imagina construir uma casa com tanto cimento! Mas, na verdade a casa era feita com os sacos de cimento vazios!

– Incrível, Seu Eriberto, que criatividade!

– Criatividade não Pedro, era necessidade mesmo. Ou era isso ou ficar ao relento e exposto a poeira e ao frio da noite. Aqui, no meio do nada, as pessoas eram obrigadas a improvisar o tempo todo.

– Mas o senhor chegou a morar em um desses barracos de lona ou saco, seu Eriberto?

– Não, Juvenal, eu morei em um alojamento de madeira, junto com outros colegas de trabalho. Também não tinha muito conforto, mas era bem melhor do que morar em um barraco de lona ou saco duro.

– Meninos, um pouco mais pra frente, quando as coisas ficaram mais organizadas o acampamento passou a ser conhecido por Vila dos Candangos e depois, Candangolândia. Vejam essas fotos que consegui junto ao antigo Departamento do Patrimônio Histórico – DePHA, com um amigo de meu filho, que trabalha lá.

– Aqui, além do escritório central da NOVACAP, havia também dois restaurantes para os técnicos e operários, além de um posto de saúde e uma escola. Ela se chamava Júlia Kubitschek em homenagem a mãe do presidente JK. Muito bonita, era toda de madeira, e foi projetada pelo Dr. Niemeyer, o mesmo arquiteto que fez o Catetinho e os outros palácios de Brasília, mas infelizmente essa escola não existe mais.





– Olha gente, encontrei uma foto da Escola Júlia Kubitschek, no site do Arquivo Público! Era muito bonita mesmo! Disse a Rafaela.

– Vejam, o seu Eriberto tem razão, a escola era muito linda mesmo.

– Nossa Seu Eriberto, pena que ela não existe mais!

– Pois é, mas na praça central tem uma coisa que foi construída na época do acampamento e tá lá até hoje. A primeira caixa forte de Brasília, onde era guardado o dinheiro para pagamento dos trabalhadores. Vocês podem ir lá depois.

– Mas Seu Eriberto, certa vez estive lá com meus alunos e descobrimos que sobre a caixa forte foi construída uma biblioteca, mas pouca gente sabe da existência dela, até falei para a bibliotecária fazer uma exposição de fotos lá.

– Nossa, pai, ótima ideia, mas quero ir mesmo assim. O senhor leva a gente lá?

– Claro que sim!

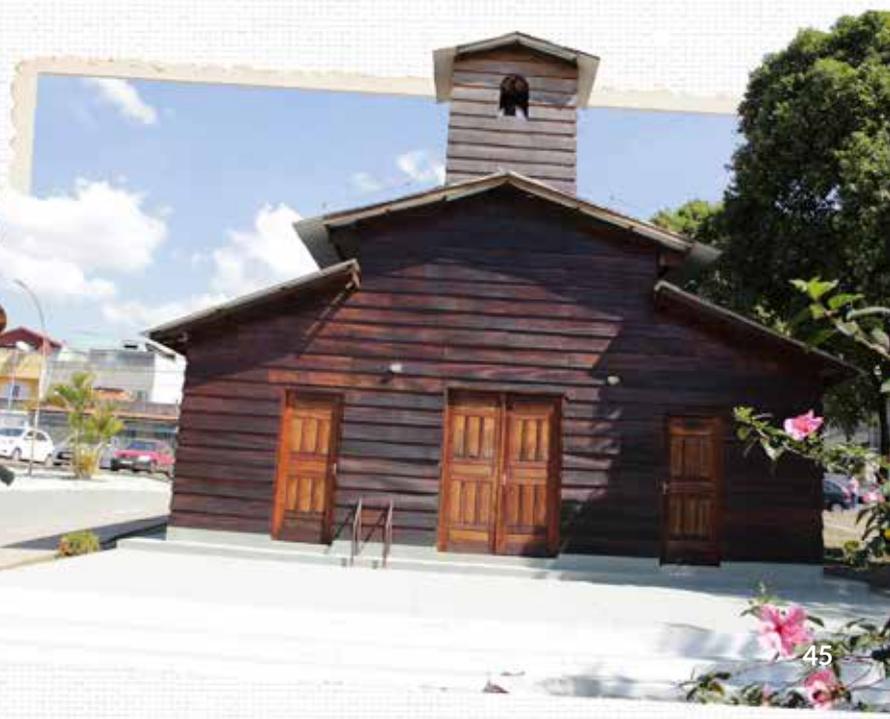
– Bem, meus amigos, aqui nós preservamos uma Igrejinha muito bonita, a Igreja São José Operário. Vocês conhecem?

– Não, a gente nunca esteve lá!

– A igreja, como todas as construções do acampamento, foi feita também em madeira.

– Peraí, pai, veja se consegue uma foto dela na internet?

– Pronto, tá na mão! Veja a bela Igreja da Candangolândia!



– Nossa, é toda em madeira mesmo. Mas Seu Eriberto, deve ser difícil para manter sempre bonita, pois o sol e a chuva devem castigar bastante essa construção.

– Não só sol e chuva, mas também os cupins, Malu!

– Em função dessas e de outras situações, com o passar dos anos, a madeira da igreja foi estragando e ficamos com medo dela cair de vez. Então, um grupo de moradores aqui da Candanga, pediu ao governo pra fazer os concertos e o seu tombamento.

– Eita, parece que a professora falou sobre tombamento na escola, mas faltei essa aula, estava doente.

– Mas eu acho que sei, quando o prédio cai, ele tomba, né? Mas Seu Eriberto eu não estou entendendo, não era pra salvar a igreja?

– KKK, sim Isabel! Não é bem assim!

– Não é mesmo, Isa, deixa eu explorar o meu lado historiador e ajudar o Seu Eriberto com a explicação. Disse Juvenal. Essa palavra, nesse caso, tem outro significado. Tombamento é quando o governo reconhece que um bem cultural, como a Igrejinha é importante, tem valor

e precisa ser protegido. Assim, o governo, junto com a comunidade, deve cuidar pra que ela seja preservada.

– Nossa pai, muito legal saber disso.

– Seu Eriberto, tô de boca aberta com o tanto de informação legal, meus colegas vão gostar muito de conhecer a história da Candangolândia, Candanga para os íntimos, kkk, e obrigado por dividir com a gente um pouco de sua história.

– Eu que agradeço a oportunidade de relembrar tanta coisa boa. Voltem quando quiserem.

– Agora, antes de sair não deixem de provar o bolo baeta, receita de meu avô, ele vendia na feira, lá no Ceará.

– Hum, que delícia, parece um bolo de leite mais durinho, deve ser muito gostoso mesmo.

SAIBA MAIS! p. 81

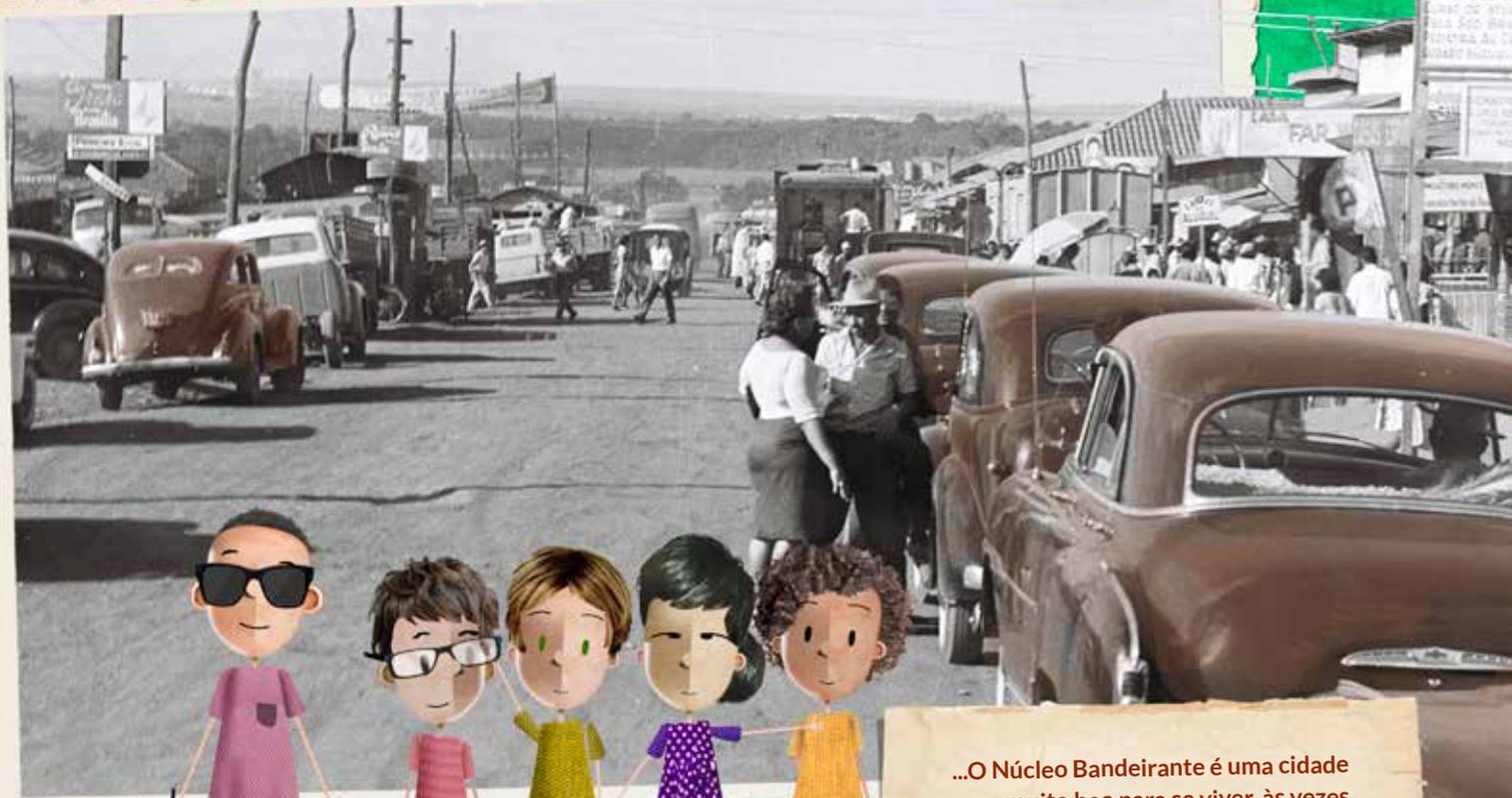
- Bens culturais e tombamento





Capítulo IV

NÚCLEO BANDEIRANTE, HJKO E VILA METROPOLITANA



EQUIPE:
Toninho, Fernando,
Elisa, Alice e Gabriela

...O Núcleo Bandeirante é uma cidade
muito boa para se viver, às vezes
me sinto como se tivesse em uma
cidadezinha do interior do nordeste,
aqui conheço muita gente...

No dia seguinte, quando estava descansando, Isabel tomou um susto danado com o barulho do telefone. Era o Toninho, todo empolgado, perguntando sobre o encontro com Seu Eriberto. Ficaram um tempão no telefone, até que seu pai a chamou para tomar café da manhã.

— Toninho, tenho que desligar, espero que descubra um montão de coisas boas sobre o Núcleo Bandeirante.

— Nossa, pai, o Toninho é muito gente boa, ele não enxerga desde que nasceu, isso fez com que ele desenvolvesse muito os outros sentidos, é muito atencioso, adora ler e é muito bom de papo. Um dia foi muito legal assistir a um jogo de futebol para pessoas com deficiência visual. O Toninho joga como atacante, ele adora futebol e fez um gol muito bonito.

— Mas filha, como ele participa das aulas?

— Pai, ele tem o apoio de uma monitora, a professora Alda e, também faz uso de uma maquininha de escrever em braile, o que facilita bastante a vida dele na sala de aula.

— Que bom, filha, só sinto que a cidade e as escolas nem sempre são adaptadas para ajudar as pessoas com deficiência, fico feliz em saber que isso ocorre de forma diferente em sua escola.

Enquanto isso, em sua casa, Toninho se preparava, ele teria a ajuda da professora Alda e, contava também com o seu fiel escudeiro, o Pudim, um cão guia com o pelo cor de caramelo.

Vamos, professora, a senhora sabe que gosto de ser pontual e ainda temos que buscar o restante da equipe, que combinamos de encontrar na escola. E, depois, vamos ao Núcleo Bandeirante, conversar com o Seu Tomás, que é meu conhecido e dono de uma lojinha de coisas do Nordeste, que fica lá no Mercado Central do Núcleo Bandeirante. Lá você encontra de tudo: rapadura, farinha, feijão de corda...



SAIBA MAIS! p. 82

• Método Braille

– Hummm... que delícia!!! Agora até fiquei mais animado, adoro rapadura!

Num instantinho já estávamos lá na loja.



– Olá Seu Tomás, sou o Toninho, essa é a professora Alda e meus colegas da escola e não posso esquecer de meu cão guia pudim. Viemos aqui para conversar com o senhor sobre a história do Núcleo Bandeirante.

– Olá meus amigos, que bom que chegaram. Estou bem animado para dividir com vocês um pouco da minha história no Núcleo Bandeirante. Vamos sentar aqui pertinho dessa mesa com um pratinho de rapadura que separei pra vocês!

– Uau! Que delícia Sr. Tomás, se puder, pode colocar também um pedacinho de queijo coalho?

– Claro, Toninho, tá aqui.

– Posso chamar minha filha Maria? Ela é professora em uma escola classe que fica lá na Asa Norte e, hoje tá aqui, ajudando na loja.

– Maria, venha aqui minha filha, quero te apresentar uns amigos!

– Olá!

– Oi, Dona Maria!

– Nada de Dona, podem me chamar de Mariinha, como sou conhecida!

– Meu pai já me falou sobre a pesquisa de vocês, muito legal, acho até que vou levar essa ideia pra minha escola. Mas agora, vou ficar aqui com vocês, só curtindo a história de meu paizinho.

– A minha história começou aqui na Cidade Livre, aonde cheguei, no finalzinho de 1956. Próximo ao acampamento da NOVACAP, onde hoje fica a Candangolândia. O governo tinha criado uma área para os comerciantes montarem suas lojas e negócios e atenderem aos operários da construção e aos visitantes que chegavam aqui sem parar.

– Nesse ano eles abriram as primeiras ruas e avenidas, demarcaram os lotes e definiram que todas as construções deveriam ser em madeira. Lembro bem dessa época, pois sentia um frio danado quando chegava a noite. Era poeira e muita! O lugar tinha tudo, lembro muito da barbearia do Seu Lucivaldo, eu ia sempre lá pra arrumar o bigode.

– Cidade Livre? Por que esse nome engraçado?

– Toninho, esse nome é porque lá os comerciantes não pagavam impostos.

– Ué, e por que Seu Tomás?

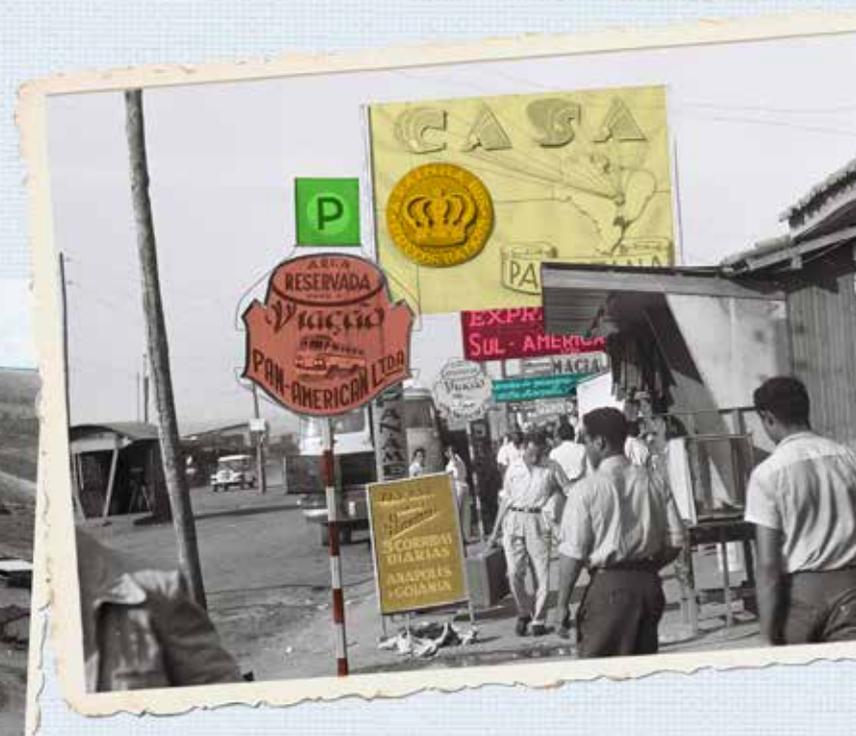
– Foi uma forma de incentivar os comerciantes.

– E isso deu certo?

– Deu tão certo, Fernando, que aqui acabou ficando muito animado. Qualquer pessoa que viesse pra cá podia ir ao mercadão e comprar tudo, se hospedar no hotel São Judas Tadeu, cortar cabelo, ir ao cinema, dançar, fazer compras e encontrar com os amigos.

– E as pessoas de outros acampamentos também vinham pra cá? Perguntou, Gabriela.

– E como vinham, era gente que vinha de todo lugar!



– Caramba seu Tomás, tô até imaginando como deveria ser animada a vida aqui na Cidade Livre!

– A professora Helena, falou que todos os acampamentos seriam desmontados no final da construção de Brasília! A Cidade Livre também?

– Sim, Elisa. Esse lugar era pra ser um centro de comércio provisório durante as obras de construção da cidade, e tava definido o seu fim, antes que Brasília fosse inaugurada. Mas o comércio da capital era ainda muito fraco e a Cidade Livre foi ficando. Com isso a população teve tempo de se organizar e pedir pro governo não demolir a cidade.

– E aí o que aconteceu?

– Ah, essa história eu conheço bem, já li muito sobre esse acontecimento, posso falar, pai?

– Claro que sim, Mariinha!

– Meninos, depois de muita luta, em 1961 o Senado Federal decretou que o Núcleo Bandeirante poderia ficar no mesmo lugar. Foi uma alegria muito grande, porque a partir daí o povo daqui não precisava mais sair!

– Isso mesmo, Mariinha. Agora, meninos, imaginem! Já em 1957, a gente tinha tudo aqui, inclusive, lá pros lados da Candangolândia, estavam construindo um conjunto de prédios todo em madeira, para abrigar o único hospital da região, o Hospital Juscelino Kubistchek de Oliveira – o HJKO.

– Ah, esse nós conhecemos, é um lugar muito bonito. Certa vez fizemos um piquenique com os

alunos da escola, lembram meninos?

– Verdade, professora, foi muito bom. O cheirinho do lugar me lembrou uma fazenda!

– Pois é, o lugar é muito lindo, mesmo!

– Mas quando o hospital começou a funcionar? Perguntou Alice!

– O hospital começou a funcionar em julho de 1957. No local tinha também alojamentos para funcionários solteiros e casas para médicos, além de dentistas e outros serviços de apoio e um pequeno comércio.

– Quando o hospital foi desativado muitos trabalhadores foram morar lá. E depois, na década de 1980, quando o governo quis demolir as casas esses trabalhadores pediram o tombamento federal para que se preservasse a memória do primeiro hospital do Distrito Federal. Coisa que só aconteceu muitos anos depois, em 2015.

– De novo esse tal de tombamento, essa palavra é bem usada aqui em Brasília né Seu Tomás?!

– Verdade, vocês ainda vão ouvir falar muito sobre esse tal de tombamento, kkk!

– Mas vocês sabem o que significa?

– Sim, Mariinha, certa vez visitamos o Catetinho e lá explicaram, também já tivemos uma aula com esse tema na escola.

– Que bom, meninos!



– Vejam essa foto do nascimento de meu filho Candinho. Olhem como era o HJKO naquela época.



– Agora como não saio muito de casa por causa da idade, não sei como está esse lugar hoje.

– Isso é fácil Seu Tomás. Professora Alda, mostre umas fotos pra ele em seu celular. Disse Toninho.

– Veja como o hospital está hoje:

– Nossa, que bacana Alda, continua muito lindo. Mas tô vendo na foto algumas construções em ruínas. Precisamos cuidar para que não desabem, porque esse lugar é importante para a história de Brasília, não é?

– Tem razão Seu Tomás, precisamos fazer algo para preservar o velho HJKO. Hoje ele se chama Museu Vivo da Memória Candanga! Que nome bonito né?

– Eita Alda, é verdade o lugar agora é um Museu! Meu irmão Candinho me contou que lá a gente pode encontrar alguns objetos que contam a história da construção da cidade!

– Sim, Mariinha, parece até uma vila, cheia de casinhas coloridas!

– Ele viu também móveis do primeiro hotel de Brasília, o “Brasília Palace”, e ferramentas que os trabalhadores usaram na construção da cidade. Tem até uma cadeira de barbeiro antiga e malas de alguns operários, é muito legal!



SAIBA MAIS! p. 82

- Museu Vivo da Memória Candanga



– O Candinho tem razão Mariinha, o lugar é muito bacana mesmo.

– Você sabia que lá já tiveram algumas festas juninas?

– Sim, até já estivemos em uma dessas festinhas, eu, meu pai e minha irmã, Carolina. Me acabei de comer curau, pamonha, bolo de milho...

– Mas Seu Tomás, tô aqui pensando! Até quando ele funcionou como hospital, o senhor sabe?

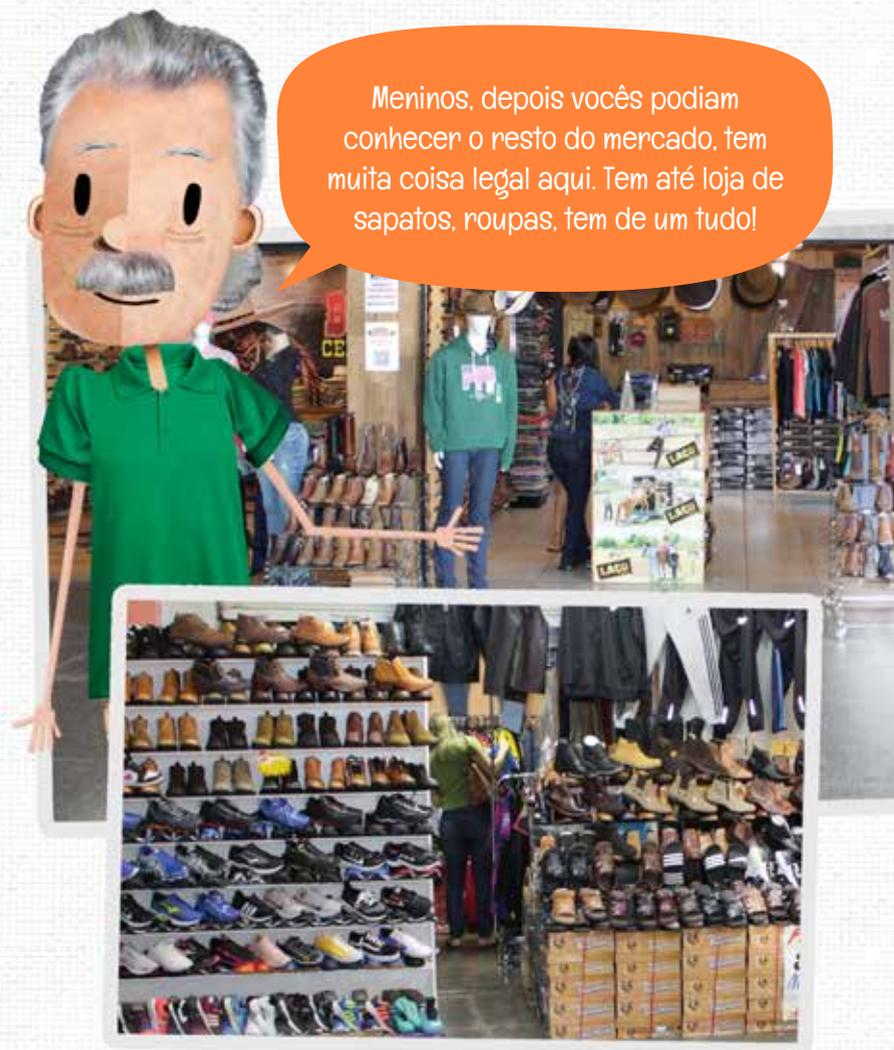
– Sim Gabriela, funcionou até o ano de 1960. Ele era o único hospital da cidade até construírem o Hospital Distrital de Brasília, hoje Hospital de Base, mas ainda funcionou até virar um posto de saúde. Assim, ficou até ser totalmente desativado.

– Infelizmente, a partir daí tudo começou a estragar. Teve até um galpão que pegou fogo, muito triste mesmo, um lugar tão bonito e que serviu para tanta gente.

– Mas depois que se tornou museu, parece que as coisas melhoraram um pouquinho. Qualquer dia volto lá!

– Seu Tomás, e o mercado do Núcleo Bandeirante, quando foi construído?

– Não sei bem a data Toninho, mas havia antes ali, um mercado que se chamava Mercado Diamantina, todo feito em madeira, que foi construído, se não me engano, em 1957. A minha lojinha eu montei pouco antes de um incêndio que destruiu todo o mercado. Durante cinco anos ficamos numa sede improvisada até esse aqui, todo feito em tijolo, ser inaugurado quase no mesmo local.



– O Núcleo Bandeirante é uma cidade muito boa para se viver, às vezes me sinto como se tivesse em uma cidadezinha do interior do nordeste, aqui conheço muita gente.

– Não podemos esquecer também da Vila Metropolitana, que foi um acampamento montado em 1956 pela construtora responsável pela pista de pouso do aeroporto de Brasília, hoje a vila faz parte do Núcleo Bandeirante.

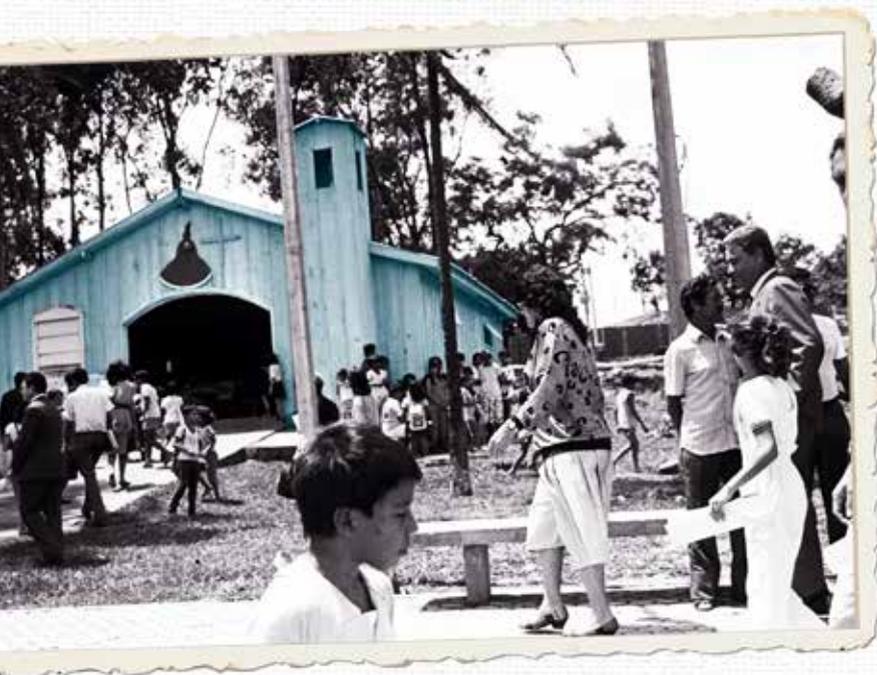
– Nesse lugar, anos depois, em 1965, foi construída, em mutirão, pelos moradores, a Capela Nossa Senhora Aparecida, conhecida como a capelinha da Metropolitana.

– O que é mutirão, Seu Tomás?

– Toninho, mutirão é quando um grupo de pessoas se ajudam para fazer algum trabalho em conjunto. Nesse caso um grupo de moradores ajudou a construir a capelinha. Podemos dizer que ela foi construída a várias mãos.

– Em 2007 a capelinha foi destruída por um incêndio e, um ano depois, ela foi reconstruída.

– Vejam como ela é bonitinha, tenho uma foto aqui, mas vou fazer uma descrição completa da imagem pra você, Toninho, assim pode perceber a beleza dessa capelinha.



– Obrigado, Seu Tomás!

– É uma capelinha bem pequena, toda em madeira, por fora é pintada de azul claro, com janelas e portas em arco, na cor branca. Do lado direito de quem está em frente a igreja tem uma pequena torre com um sino. Ah, já ia esquecendo, as paredes são feitas com tábuas, colocadas em pé e na fachada principal, na parte mais alta do telhado, fica uma pequena cruz. A capelinha fica no meio de uma praça, bem ao lado da escola. O lugar tem muitas árvores e um bonito gramado.

– Nossa, me parece linda, mas pelo que o senhor falou é bem pequenina, é isso mesmo?

– Sim, Toninho, é pequena. Já quiseram até aumentar, mas aí ficaria diferente da construção original.

– Ah, pai, não esqueça de falar sobre a escola e o campo de futebol.

– Campo de futebol? Já gostei, adoro futebol!

– Seu Tomás, o Toninho é atacante de um time de futebol. Disse Pedro.

– Que maravilha! Um dia quero assistir um jogo seu!

– Mas como disse a Mariinha, lá perto da capelinha tem o Centro de Ensino Fundamental da Metropolitana, construído antes, no ano de 1958. E tem um campo de futebol bem ao lado da escola. Ele começou como um campinho de peladas dos funcionários ao lado do acampamento e passou a ser usado para os jogos do campeonato brasileiro e até um amistoso internacional foi jogado lá. Quando inauguraram um estádio mais moderno, conhecido como Pelezão, o da Metropolitana, parou de ser utilizado.

– Agora, filha, a escola também é tombada, certo?

– Sim, pai a Escola foi tombada, incluindo na área de preservação, o campo de futebol, a capelinha e a praça.

– Ô Seu Tomás!

– Diga, Alice!

– O CEF da Metropolitana eu conheço, estive lá com o Leo, filho de meu Tio Crispim, é uma escola de madeira, muito linda, mas não sabia sobre o campo de futebol, tenho até fotos dessa visita.

– Eita Seu Tomás, quanta coisa legal o senhor contou pra gente, agora vamos gostar ainda mais do Núcleo Bandeirante e sempre que a gente comer rapadura, vamos lembrar desse papo!

– Que bom que gostaram, voltem quando quiserem, tô sempre aqui no meu cantinho.

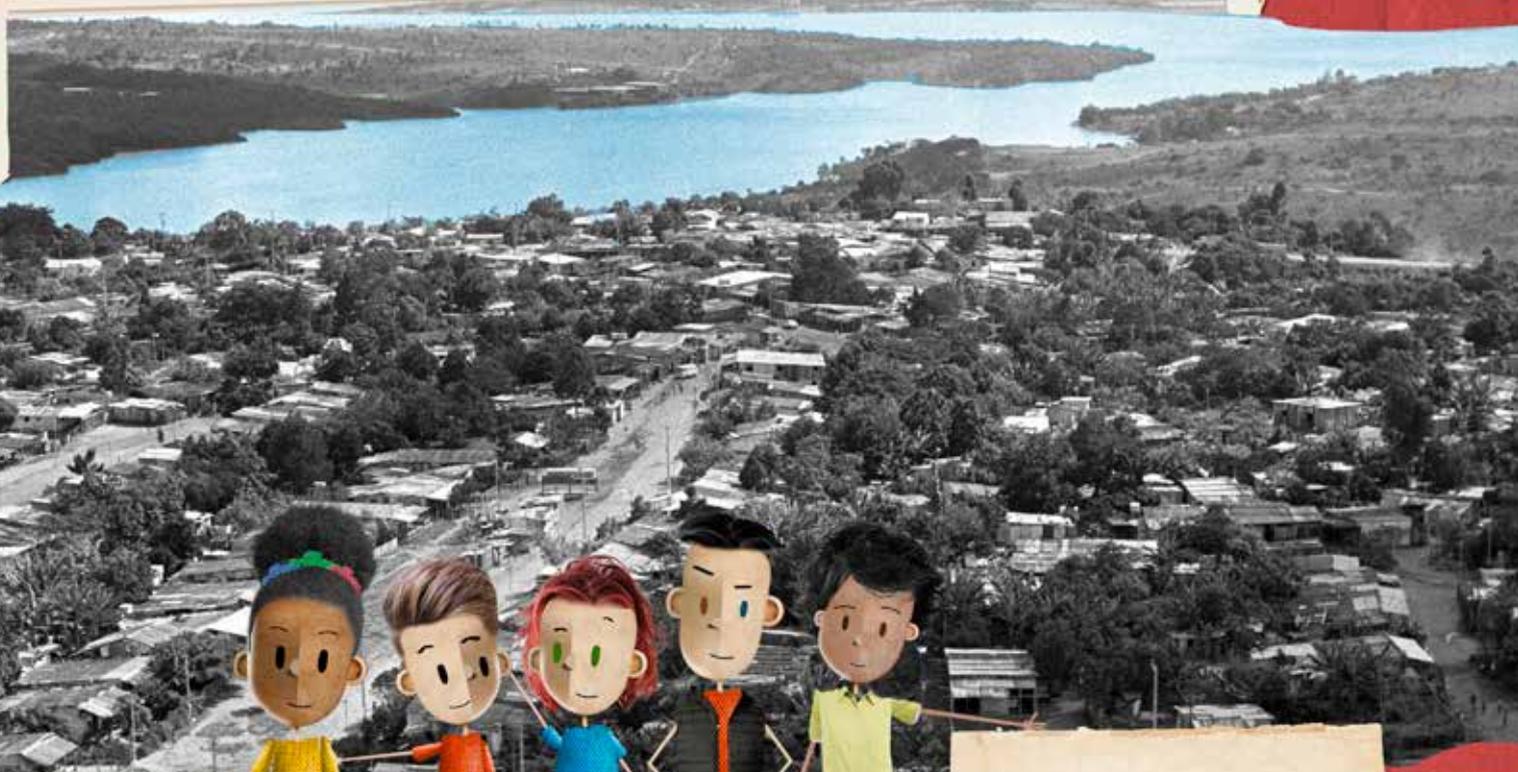
– Obrigado Seu Tomás, até qualquer dia!

– Até.



Capítulo V

VILA PARANOÁ



EQUIPE:
Mariana, Lucas,
Heitor, Júnior e Louise

... a igreja de São Geraldo foi
tombada porque nós também
temos direito ao nosso patrimônio!

Mal o dia amanheceu e Mariana já estava de pé, toda animadinha. Grudou em seu Tio Roberto, um simpático confeitoiro da cidade e os dois foram direto para o carro de Seu Luiz, pai da Mariana e irmão do Roberto. Foram juntos buscar o restante da equipe.

Não demorou e logo o carro já estava estacionando perto da Igreja São Geraldo.

– Valeu pai, obrigado, quando terminar nossa conversa eu ligo para você, pode ser?

– Não se preocupe, acho que vou ficar aqui mesmo e aproveitar para fazer uma caminhada no parque e tirar umas fotos da barragem, é tudo muito bonito e aqui da igreja a gente tem uma bela vista. Dá até pra ver Brasília ao longe.

– Legal, pai!

– Tio Beto; acho que aquela deve ser a Dona Ivone, a senhora que o avô do Juca passou o contato. Eita, acho que é ela, tá vindo pra cá com um sorriso bem grande, kkk!

– Olá crianças, bom dia! Eu me chamo Ivone, sou moradora antiga da Vila Paranoá, e desde que passei a vendinha para minha filha, tomo conta dessa igrejinha. Soube, através do Zé Formiga, que vocês viriam aqui pra descobrir coisas sobre o nosso Paranoá. Fico muito feliz em poder ajudar! Coloquei uma mesinha ali, debaixo da mangueira pra gente poder conversar sossegado. Vamos lá?

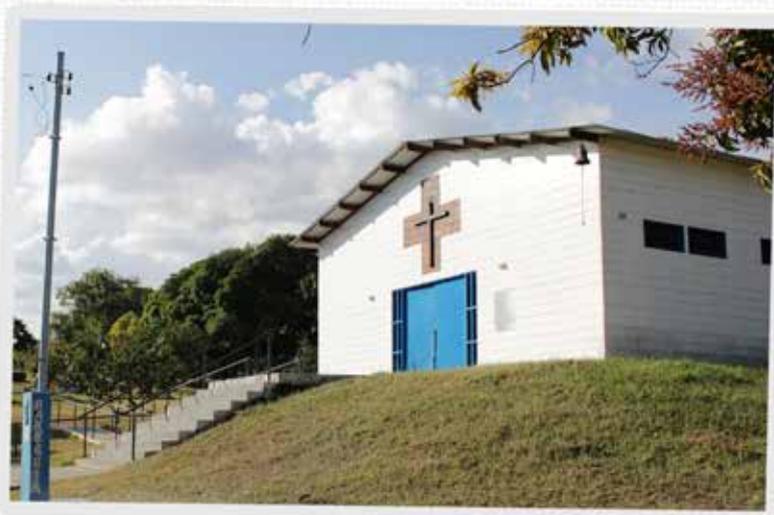
– Vamos sim.

– Ah, Dona Ivone, trouxemos bolo de macaxeira e empadão goiano, a senhora gosta?

– Nossa, eu, como goiana, adoro! Ainda bem que trouxe uma garrafa de suco de caju, direto de minha vendinha!

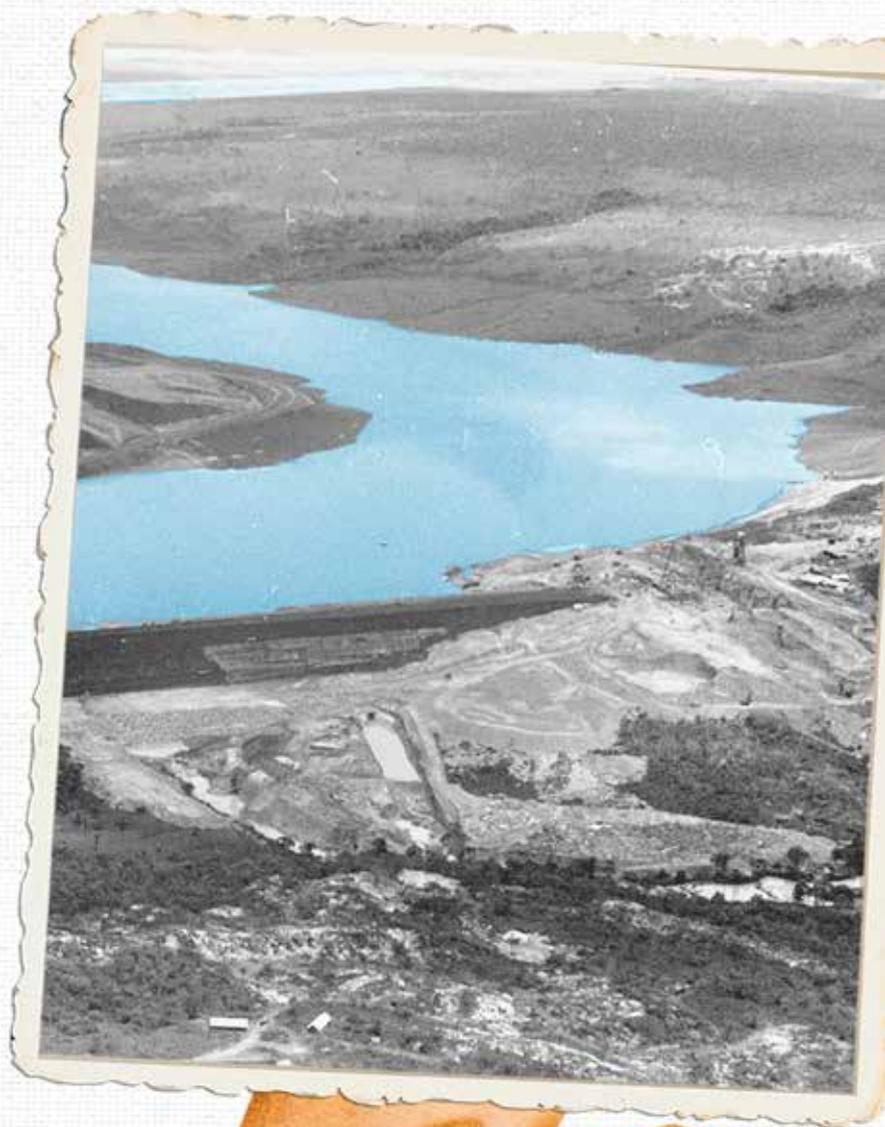
– Então tá tudo bom demais, vamos sentar aqui gente!





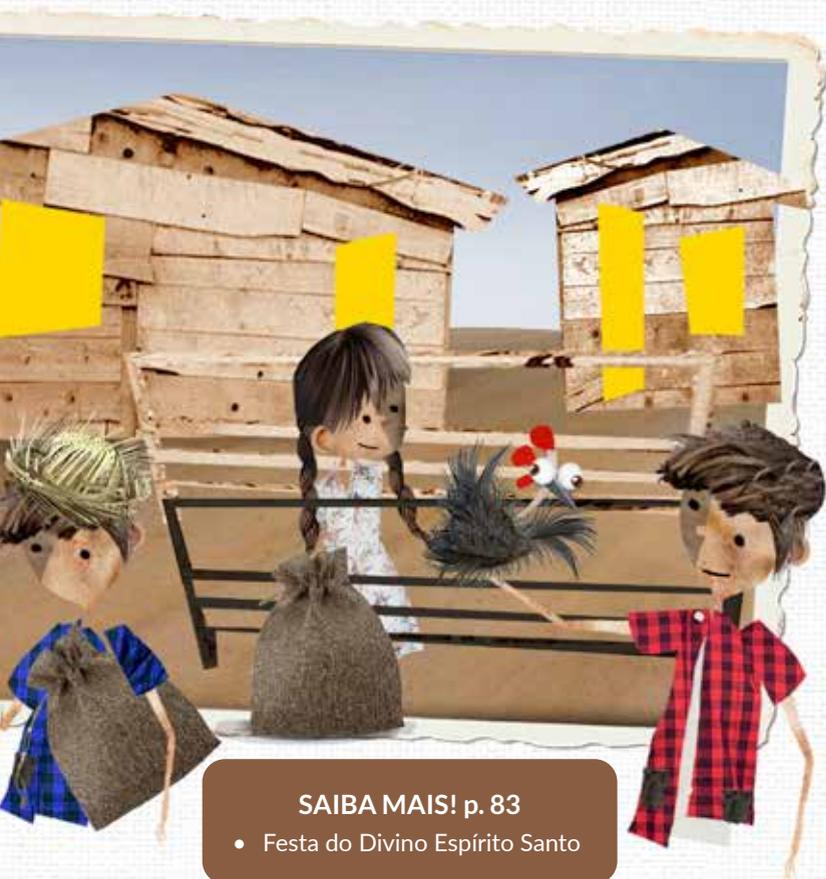
- Nossa, Dona Ivone, que igrejinha mais linda e que vista!
- Sim, aqui é muito bonito mesmo, as vezes eu trago um livro e passo a tarde lendo perto daquele pé de pau!
- Bem, mas deixa eu começar a contar a história do Paranoá pra vocês.
- A Vila Paranoá começou com os canteiros de obras para a construção da Barragem do Lago Paranoá.
- Barragem? O que é isso Dona Ivone?
- Barragem Lucas, é quando você fecha a passagem do rio e cria um grande lago com a água que vai se juntando. Foi assim que o lago Paranoá, que antes não existia, foi criado.
- Ah isso eu já sabia, porque o vô do meu colega Juca, contou pra ele e ele contou pra mim lá na escola.
- Espere um pouco, Mariana, deixa seu tio procurar aqui umas fotos na internet!
- Valeu, tio.

- Vejam, que foto legal.
- Um grande desafio hein Dona Ivone?



– Pois é Roberto, essa era uma obra muito grande e foi preciso muita gente pra construir tudo e o acampamento onde os operários iam morar precisava ficar perto dela. O acampamento era todinho feito de madeira, com alojamentos tipo barracão e uma igreja, tudo parecendo uma pequena vila. Tinha ainda uma cantina com comida simples – arroz, carne, farinha de mandioca e rapadura.

– Os goianos já moravam nos arredores e aos poucos se aproximaram, vendendo manga, ovos, galinha, rapadura aos operários.



SAIBA MAIS! p. 83

- Festa do Divino Espírito Santo

– Eu sou goiana e era uma dessas pessoas que vendia alimentos na Vila. Na época, conheci meu marido Chico na festa do Divino Espírito Santo, que era uma festa muito tradicional para os goianos. Ele trabalhava na obra da barragem. Logo montamos uma vendinha. Era uma vida muito difícil, chego até a ficar emocionada só de lembrar. Tem dois anos que meu Chico morreu.

– Sinto muito, Dona Ivone.

– Coisas da vida, Mariana, mas vamos voltar pra nossa história, afinal foi pra isso que vocês vieram.

- Mas, Dona Ivone, a senhora falou que os goianos moravam aqui perto, mas onde vocês moravam? Era perto, mas onde?

– Heitor, era uma situação bem engraçada, tinha o córrego do Paranoá: de um lado ficava o acampamento dos operários e do outro foi se formando um outro povoado com os goianos, que tinham suas plantações e criações. No início os trabalhadores atravessavam o córrego e chegavam a nossa casa pelo quintal, como se já fosse gente da família. Pense no susto, a gente ficava muito desconfiado, não era o nosso costume. Mas, depois a gente se acostumou com esse jeito deles. A partir daí a gente fez amizade com eles e até vendia nossos produtos pra eles.

– Caramba, nem podia imaginar, acho que essa informação será muito boa pra nosso livro.

– Como vocês podem ver o acampamento foi construído bem no alto e daqui se podia ver todo o vale que seria inundado pela barragem. A gente olhava aquele fiozinho de água, o córrego do Paranoá, e não acreditava que um dia poderia virar um lago.

– Nossa, fico aqui imaginando. A vista é linda e morar de frente para toda essa belezura, devia ser bom demais!

– Sim, Louise, mas havia muitos desafios. E a gente morar num lugar com essa vista bonita, incomodou muita gente...

– Por quê?

– Louise, porque era um lugar muito valorizado, que pessoas com mais dinheiro ficavam incomodadas de ver trabalhadores morando em um lugar tão bonito.

– Meninos, o trabalho era muito pesado. Existiam várias pedreiras pra fornecer pedras para as obras. Muita pedra foi quebrada e muita rocha foi explodida e acabou lá no fundo do lago.

– Vocês não se assustavam com o barulho?

– Nossa, Júnior, era um susto atrás do outro, o barulho era muito alto e fazia tremer a casa inteira. Mas fazer o quê?

– Foi muito sacrifício mesmo! Mas, apesar do trabalho pesado e de todas as dificuldades, esse nosso acampamento era muito legal, trago boas recordações e ótimas amizades daquele tempo.

– Puxa Dona Ivone, fiquei até imaginando esse lugar cheio de casas, pessoas nas ruas, a vista do vale com um tanto de obras aqui e ali no meio do cerradão. Devia ser bem legal mesmo!

– Dona Ivone, a professora Helena falou na escola que os acampamentos eram feitos de madeira porque iam ser desmontados quando a obra acabasse. Aqui no Paranoá também?

– Mariana, aqui houve o “Barracaço”, que foi uma revolta de quase duas mil famílias, lutando com a polícia para ficarem no lugar. Houve até greve de fome na época.

– Nossa, quanta gente e quanta luta!

– Ahh... meus amigos, no começo o alojamento aqui no Paranoá era cercado com arame farpado, depois foram chegando novas famílias, que construíram suas casas perto da cerca.

– Mas com o tempo tudo foi mudando e logo já era uma coisa só. A Vila Paranoá cresceu tanto que na década de 1980, já era considerada uma das maiores ocupações irregulares do Distrito Federal. O governo queria até retirar todo mundo daqui. Pra gente ter o direito de continuar morando aqui foi preciso muita luta!



– Mas me diga uma coisa, o Paranoá não é mais aqui, quando foi que vocês deixaram esse lugar em volta da Igreja?

– A mudança dos moradores para uma localidade perto daqui aconteceu no fim da década de 1980. Então, acabou o Paranoá que existia e surgiu um novo Paranoá.



– Mas a igreja ficou e a cidade foi embora, como assim?

– Mariana, a comunidade lutou e conseguiu salvar a igreja, porque ela fazia parte da memória das pessoas, uma espécie de marco de onde um dia foi o Paranoá. No local da vila foi criado Parque Vivencial do Paranoá. Ah, boa parte das árvores que vocês estão vendo, fomos nós que plantamos quando a gente morava aqui. Tem muito de nós aqui nessa terra.

– Conta pra gente a história da igreja Dona Ivone?

– Louise, a nossa igreja se chama Capela São Geraldo, ela foi construída pelos operários e pelas suas famílias, durante as obras da barragem.

– Aqui, além das missas, casamentos e batizados, se reuniam também as pessoas que lutavam para que o acampamento não fosse derrubado e queriam melhorias como, moradias melhores e redes de água e esgoto pra todos. Aqui também pessoas da vila aprenderam a ler e escrever.



SAIBA MAIS! p. 83

- Patrimônio material e imaterial

– Que legal! Então a igreja era também uma escola e um lugar para as reuniões dos moradores?...

– Isso mesmo Mariana e graças à luta de toda a comunidade pela preservação, a Igreja São Geraldo foi tombada, em 1993, pelo Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (DePHA), órgão de proteção do patrimônio aqui do DF. Porque nós também temos direito ao nosso patrimônio!

– Dona Ivone, minha professora falou na aula que os dois maiores inimigos das construções de madeira são os cupins e a água. Verdade?

– Ela está certa Mariana e foram esses dois inimigos que derrotaram a nossa querida igreja. Mesmo estando tombada, com o tempo e a falta de manutenção a Igreja foi pouco a pouco se estragando. Um ataque de cupim aqui, um vazamento de chuva ali, e assim, enfraquecida, ela acabou desabando em 2005, ficando apenas o piso da igreja e as escadas, que vocês subiram ao chegar.

– Mas ela está tão bonita, que bom que vocês construíram de novo!

– Ah, sim Heitor, mas isso demorou! Só alguns anos depois, é que ela foi reconstruída, igual a original, e foi inaugurada com muita festa e alegria de todos os moradores daqui.

– E aí, será que consegui ajudar na pesquisa de vocês? Gostaram da história?

– Adoramos Dona Ivone! Essa história é tão bacana que eu acho que mais gente deveria conhecer!

– Sim, Mariana, vocês podem contar essa história para seus colegas. Afinal, a história de Brasília não estará completa se a gente não contar o que aconteceu antes.

– É mesmo, Dona Ivone, pode deixar, vamos contar pra todo mundo essa história.

– Agora, Dona Ivone, vamos comer as comidinhas que a gente trouxe!

E, assim, a conversa terminou, regada a bolo, empadão e, claro, um suco de caju bem geladinho. De quebra, uma linda visão da igreja rodeada de árvores.

Terminado o lanche cada um deu um abraço bem apertado em Dona Ivone, felizes por terem conhecido mais sobre a história de Brasília e em seguida correram pro carro onde o pai da Mariana já esperava por eles!





Capítulo VI

RETORNO À ESCOLA



...em cada prédio desses que foi
construído na cidade de Brasília tem
muito suor e por lá passaram muitas
mãos de pessoas que acreditavam
numa vida melhor...

O dia amanheceu bonito e ensolarado, prometendo um grande final para esses dias de pesquisa. Na escola, quando o sinal tocou, todos estavam muito ansiosos para ver o que os pesquisadores haviam conseguido, foram, aos poucos, tomando seus assentos e a professora Helena chegou muito animada na sala de aula em companhia dos três arquitetos: Sandra, Zé Mauro e Ricardo.

– Bom dia, crianças! Espero que tenham tido ótimas aventuras, quero saber tudo o que pesquisaram, temos muito o que conversar.

– Vamos começar com o Acampamento da Vila Planalto, com a palavra o Juca!

– Juca, o que mais te chamou atenção na história da Vila Planalto?

Professora, a gente estava até conversando sobre isso antes da aula começar. A gente ficou admirado com a força dos trabalhadores que vieram de muitos lugares do Brasil, para construir Brasília. Chegavam aqui sem saber de nada direito. Que coragem! Imagine deixar sua família e viajar um tempão em cima de um caminhão pau de arara. Fiquei pensando sobre tudo o que passaram para construir essa cidade, no sofrimento e sacrifícios dessa gente muito corajosa! Que história legal!

Verdade, Juca, a luta foi grande mesmo. Mas me diga, como foi o encontro de vocês com o Seu Zé Formiça?



– Nossa, professora, adoramos conversar sobre a vila com meu avô e minha vizinha, eles sabem de muita coisa. O mais legal foi descobrir que eles fizeram parte da história da construção da cidade. Fiquei orgulhoso demais, tenho até esta foto aqui do meu avô com o Presidente JK, olha só!

– Que bacana, Juca, uma bela foto.

– Helena, posso falar?

– Claro, Sandra, por favor!



Juca, não tem como não se impressionar com essa história, entendo você. Em cada prédio desses que foi construído na cidade de Brasília tem muito suor e por lá passaram muitas mãos de pessoas que acreditavam numa vida melhor e em contribuir com esse momento da história, a construção da nova capital.

– É mesmo, achei também a Igreja da Vila muito bonita e fiquei muito feliz em saber que tem tudo a ver com a história de minha família, até eu fui batizado lá! Kkk.

– Agora é a vez da Isabel! Me diga, conte pra gente as descobertas de vocês sobre o Acampamento da Candangolândia.

– Professora, ficamos de boca aberta quando o Seu Eriberto falou sobre as barracas feitas de lona e, também com saco de cimento, como ele mesmo disse “moradias improvisadas” dos que chegaram aqui primeiro.

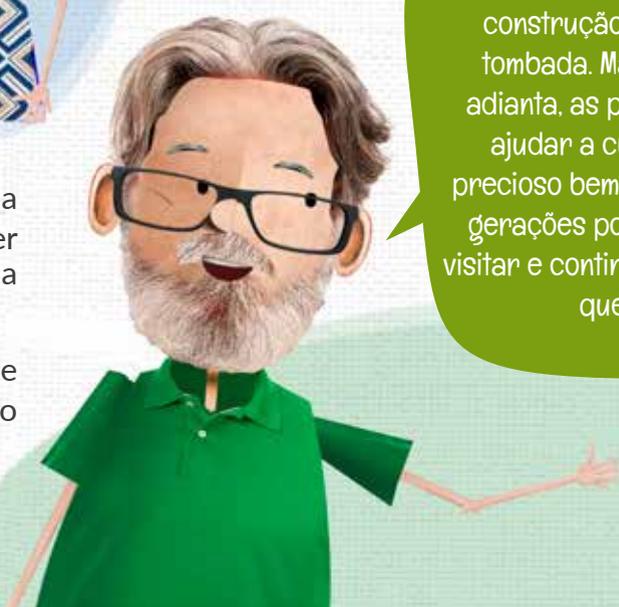
– Como assim, Isa? Quanta criatividade!

– Isso mesmo, Lucas, incrível né? Mas não tem nada a ver com criatividade, foi necessidade mesmo!

– Agora, professora, assim como a equipe do Juca, chamou a atenção da gente a luta dos moradores para manter as antigas construções em madeira como a Igreja São José Operário. Tem muita história lá que outras pessoas precisam conhecer.

– Helena!

– Sim Ricardo, pode falar!



Que legal, Isabel, realmente esses acampamentos contam a história da construção da nossa capital, que é tombada. Mas, só o tombamento não adianta, as pessoas também precisam ajudar a cuidar e preservar esse precioso bem, assim, no futuro, as novas gerações poderão também conhecer, visitar e continuar contando essa história que é de todos nós.

– Bem, chegou a vez da equipe do Núcleo Bandeirante! Toninho, conte pra gente tudo sobre esse Acampamento.

– Nossa, professora, adoramos o encontro com o Seu Tomás, um homem muito bom, gentil e cheio de histórias. Ah, a filha dele, que também é professora acompanhou tudo e trouxe outras informações bem legais, sem falar na delícia de rapadura! Kkk.

– E não trouxe nenhum pedaço pra gente?

– Marta, claro que trouxe, depois da aula divido com a turma, trouxe também queijo-coalho.

– Tá bom, depois falamos de comida.

– O Núcleo Bandeirante era a Cidade Livre, né?

– Professora!

– Sim, Zé Mauro, fale, por favor!



Toninho, o Museu é mesmo um lugar muito especial, por isso ele foi reconhecido como patrimônio cultural pelo IPHAN, que é o órgão do governo federal que cuida disso. A ideia é justamente preservar o lugar, mas é preciso que ele seja utilizado pela comunidade, que seja um lugar presente na vida das pessoas.

Sim, professora, lá tinha de um tudo, cinema, hotéis, pensões, lojas, comércio, parecia uma cidade mesmo. O Seu Tomás falou que lá ninguém pagava imposto, por isso se chamava Cidade Livre.



Ficamos empolgados também com o Museu Vivo da Memória Candanga, um lugar que conta as histórias dos trabalhadores e do primeiro hospital de Brasília. É um lugar onde as pessoas podem ir passear e, onde muitas festas aconteciam também, como as festas juninas.



– E a Igreja, o que ele falou sobre a Igreja da Metropolitana?

– Nossa, professora, ele fez uma descrição tão detalhada que me ajudou a imaginar a lindeza da Capelinha.

– Ah, já ia esquecendo, ele falou também de uma escola de madeira e de um campo de futebol. O Seu Tomás disse que... peraí, peraí, deixa eu lembrar, anotei aqui: Sim, ele disse que “a igreja, a escola e o campo estão dentro da área de tombamento definida pelo GDF”, falei bonito não foi?

– Isso mesmo, bom garoto!

– E, você não ficou animado pra jogar no campo?

– Claro né Júnior, depois te convido pra jogarmos uma pelada no campo da Metropolitana, o Juca também quer ir, vamos combinar um grupo e peço para meu pai levar a gente pra jogar com os meninos e meninas de lá!

– Maravilha, até agora estou gostando muito da empolgação de vocês. Mas falta conhecermos o resultado da pesquisa da equipe Mariana, sobre a Vila do Paranoá.

– Vamos lá, Mariana?

– Mariana!!!

Chamando Terra,

Mariana!!!

– Nossa professora, tava aqui lembrando da igreja, muito linda mesmo.

– Mas nos conte, como foi o encontro de vocês com a Dona Ivone?

– Professora, foi muito legal! A gente percebeu logo o carinho dela com aquele lugar. Ela gosta tanto que tá cuidando até hoje da igreja e fica lá espalhando a história da Vila do Paranoá pra quem visita o lugar. E também foi importante ver o esforço dela que desde muito nova trabalhava em uma vendinha para ajudar a família.

– Que legal, Mari!

– Pois, é Nicolás, muito legal mesmo! Com isso a história não morre e mais pessoas ficam sabendo. Ela ficou muito emocionada quando contou a história, nunca vou me esquecer. Acho que devemos tomar também a Dona Ivone, kkk!

– Veja essa foto que nós tiramos com ela em frente à igreja:

– Mariana, o que mais chamou atenção de vocês na história da Vila?



Sabe, Sandra, me admirei muito quando ela falou sobre a luta das pessoas pra ficar lá. Elas iam ser levadas para outro lugar depois que a Barragem ficasse pronta.

– Até anotei aqui o que ela disse: “Depois, na década de 1980, teve muita luta da comunidade para garantir o direito à moradia”.

– Mas também, gostei muito de saber sobre a participação das mulheres na construção de Brasília, só se fala de homens, mas Dona Ivone deixou claro que as mulheres tiveram um papel muito importante!

– Isso mesmo, Mariana, as mulheres, assim como os homens, foram importantes no processo da construção de nossa capital e essa história precisa ser contada.

– Uau, crianças, quanta coisa boa vocês descobriram e é interessante que todas as pesquisas têm um ponto em comum, vocês perceberam? Querem comentar?

– Eu quero, professora.

– Diga Juca!

O ponto em comum é a luta dessas pessoas para permanecerem nos acampamentos e preservarem esses lugares tão importantes na vida delas.



– Pois é meus amigos, estou muito feliz com o resultado das pesquisas, pois agora sabemos que a história vai muito além da Esplanada dos Ministérios e dos palácios. Ela está também nas lembranças daquela gente que morando em construções simples, de madeira, lona, sacos de cimento, em meio a poeira e a terra vermelha do cerrado, fez um dia brotar uma história que é uma das preciosidades que temos aqui no planalto central brasileiro.

– São histórias preciosas, que a partir de hoje, esperamos que vocês ajudem a divulgar para que a memória dos acampamentos pioneiros do Distrito Federal seja reconhecida e preservada.

– Helena, quanta informação boa. Essa aula vai ficar na história dessa escola, hein!

– Essa aula só não, Sandra, as pesquisas dos nossos escritores também!

– Bem, espero que tenham gostado dessa grande aventura. Vamos pensar em outras, afinal fica bem mais fácil aprender quando criamos atividades cheias de curiosidades e emoção.

– Aproveitem para conhecer melhor esses lugares, combinem visitas com seus pais e com outros colegas, tem tanto lugar legal pra conhecer aqui em Brasília!

– Gente, posso fazer uma sugestão?

– Sim, professora!

– A gente podia continuar essa pesquisa procurando conhecer outros lugares que são importantes para as crianças que vivem nesses acampamentos. O que elas gostam de fazer? Que lugares elas usam para brincar e se divertir? Que festas existem na comunidade e

onde elas acontecem? O que acham?

– Nossa, professora, que ideia legal! A gente pode fazer isso sim! Seria bom demais conhecer como as pessoas vivem, se divertem e fazem suas festas hoje nesses lugares! Isso também faz parte da história delas e de seu patrimônio, né!

– Gente, esse livro vai ficar show de bola!

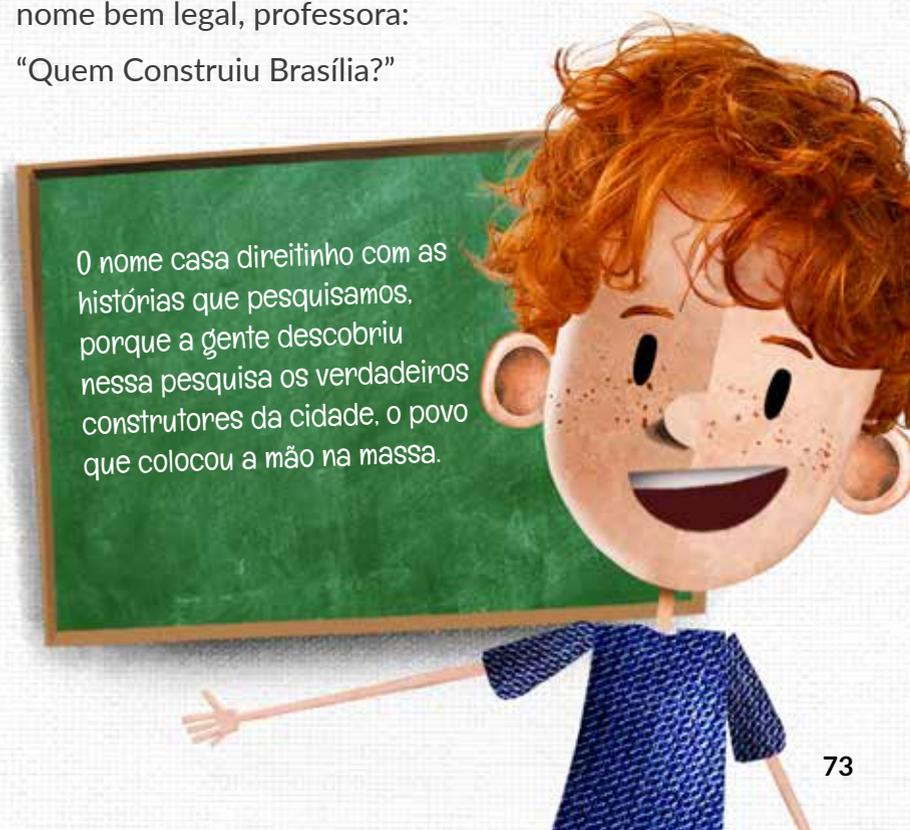
– Eita, o livro, já estava esquecendo!

– Sim, Juca, agora vocês são escritores, tenho certeza de que o nosso livro será muito legal e poderá ajudar outras crianças a conhecerem essas histórias.

– Mas, crianças, como será o nome do livro?

– Ah, a gente tava aqui conversando e achou um nome bem legal, professora:

“Quem Construiu Brasília?”



O nome casa direitinho com as histórias que pesquisamos, porque a gente descobriu nessa pesquisa os verdadeiros construtores da cidade, o povo que colocou a mão na massa.



Professora, quando o nosso
livro vai ficar pronto?
Estamos doidos para dar
autógrafos! Kkk...

Calma Léo! Temos que
caprichar! Estamos nos
esforçando pra ele ficar
pronto o mais rápido
possível!

Bem, meus amigos leitores, foi assim que tudo aconteceu e eu e meus amigos nos aventuramos no mundo dos pesquisadores, foi bom demais, aprendemos muito. Esperamos que vocês tenham gostado de tudo que contamos aqui. Agora, se conseguimos, vocês também conseguem. Falem com seus professores e juntos, bolem atividades legais pra fazer em sua cidade, nós adoramos e aprendemos muito, tenho certeza de que vão gostar muito também.

Até nossa próxima aventura!



BLOG QUEM CONSTRUIU BRASÍLIA?

www.quemconstruiubrasilia.com.br

Olá, nos preparativos para escrever este livro, achamos muito material bacana sobre a construção de Brasília. Tivemos então a ideia de fazer um blog e colocar lá esse monte de informações pra você poder explorar e conhecer. São fotografias, vídeos, jogos divertidos, receitas gostosas e várias dicas de leitura bem legais relacionadas às histórias dos acampamentos e mapas com a localização de cada um deles.

Então, o que está esperando!? Aponte a câmera do celular para o QR Code e não perca tempo, venha curtir bastante essa aventura cheia de diversão e novas descobertas!



A horizontal wooden sign made of three light-colored planks is mounted on a wall of grey, weathered wooden planks. The sign is held in place by two metal nails, one on the left and one on the right. The text "SAIBA MAIS" is printed in a bold, black, sans-serif font in the center of the sign.

SAIBA MAIS

CAPÍTULO I

A Visita ao Museu da República

A EXPOSIÇÃO “O Brasil em Brasília: mosaicos do patrimônio cultural” - foi uma exposição realizada pela Superintendência do Iphan no Distrito Federal e pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, no Museu da República, em 2018. Essa exposição trouxe um panorama do patrimônio cultural do Distrito Federal.

ARQUITETO - é o profissional que faz projetos de casas, edifícios e cidades.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é o órgão federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro



CAPÍTULO II A Vila Planalto

CATETINHO - Chamado também de Palácio de Tábuas é a primeira residência do Presidente da República construída em Brasília. É um projeto de Oscar Niemeyer e foi construída em madeira. Hoje funciona um museu com mobiliário da época da construção de Brasília.

NASCENTE - ou olho d'água é um lugar onde um curso d'água nasce. É chamada também de mina, bica, fonte.

MÁRIO FONTENELLE - foi o primeiro fotógrafo de Brasília. Ele era mecânico de aviões e ganhou uma máquina fotográfica do presidente JK. Desde então tornou-se fotógrafo oficial do governo Juscelino Kubitschek, sendo o autor dos primeiros registros da nova capital e das imagens mais marcantes desse período. Após a construção de Brasília, Fontenelle continuou fazendo registros da cidade e hoje o Arquivo Público do Distrito Federal possui cerca de cinco mil fotografias de sua autoria.

BOSSA NOVA - É um estilo musical brasileiro surgido em 1958, com base no samba e influências do jazz norte-americano. Fizeram parte de sua criação os músicos Tom Jobim, João Gilberto e o poeta Vinícius de Moraes.

CANDANGOS - era como foram chamadas as pessoas - operários e trabalhadores que vieram para construir Brasília. Originalmente, era como os africanos chamavam os portugueses. Hoje, popularmente se diz que as pessoas de Brasília são candangos.



CERRADO - é uma área onde a vegetação predominante são árvores com troncos grossos e tortuosos, gramíneas e arbustos. Suas principais árvores são o Ipê, a Peroba, o Jatobá e a Embaúba.

ISRAEL PINHEIRO - foi um político mineiro que foi o primeiro prefeito de Brasília. Participou ativamente da construção da cidade junto com JK.

ARQUIVO PÚBLICO do DF - é o órgão responsável por guardar e preservar a documentação relativa à capital, colocando-os à disposição da sociedade. Reúne documentação que retrata a história da capital federal, desde sua construção, inauguração e dias atuais, com acervo de textos, audiovisuais, fotográficos, cartográficos entre outros.

TAGUATINGA - é uma cidade do DF que foi criada em 1958, antes mesmo da inauguração de Brasília. Surgiu da reivindicação de operários por um lugar para morar. Depois, outras cidades foram criadas: Ceilândia, Sobradinho, etc...

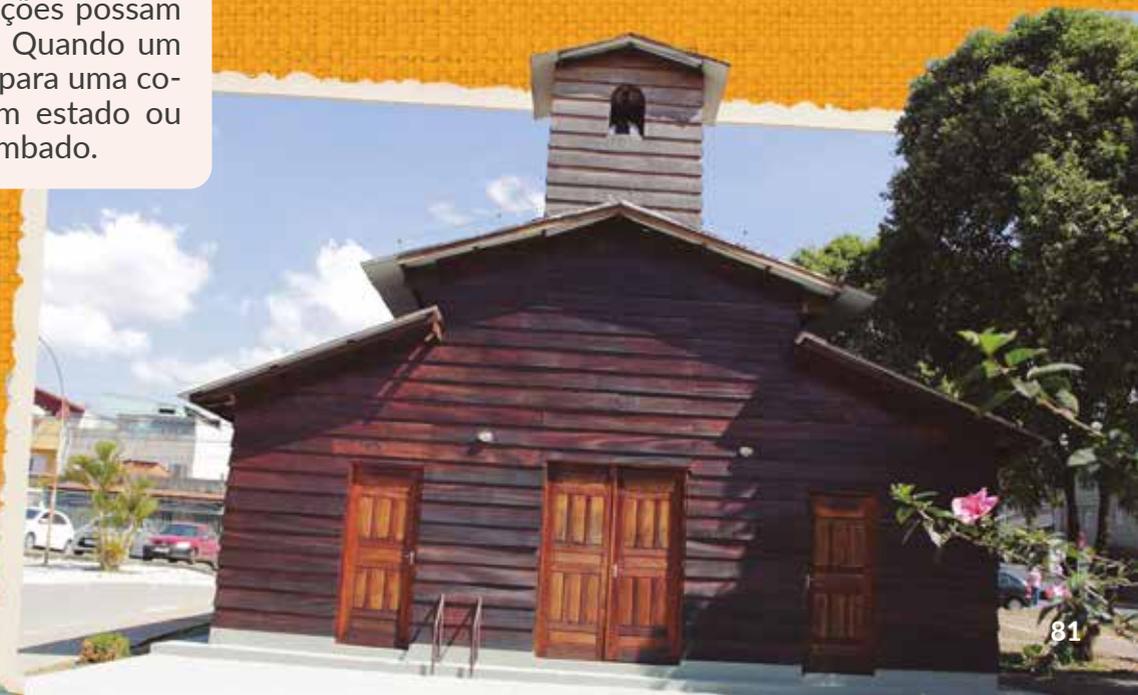
LAGO PARANOÁ - O Lago Paranoá é um lago artificial que foi idealizado pelo engenheiro, botânico e paisagista francês François Marie Glaziou, que sugeriu a construção de um lago em Brasília, a futura capital. Glaziou apontou a solução técnica para a criação do lago, a qual foi adotada por ocasião da construção de Brasília. O lago surgiu da barragem do Paranoá, que teve sua construção iniciada em 1957 e foi inaugurado em 1959, antes da inauguração da cidade. E hoje é um importante componente climático e visual para a cidade.

CAPÍTULO III Candangolândia

NOVACAP – é uma empresa pública do Distrito Federal, criada em 1956 para gerenciar e coordenar a construção da nova capital do Brasil. Hoje é o principal executor das obras de interesse do DF.

BENS CULTURAIS – são aqueles que representam a história e a cultura de uma comunidade. Pode ser um lugar, um objeto ou usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo.

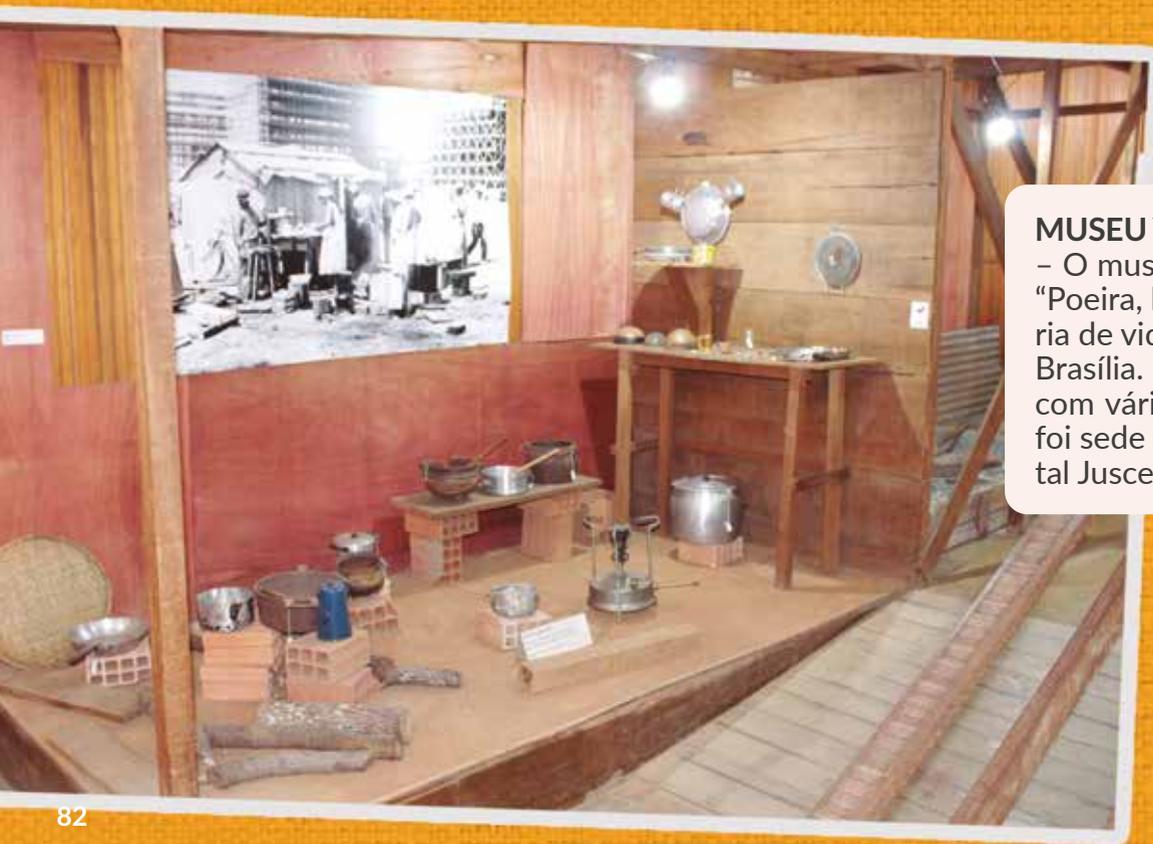
TOMBAMENTO – é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural pelo Estado, para que as atuais e as futuras gerações possam usufruir desse patrimônio. Quando um bem cultural é importante para uma comunidade, uma cidade, um estado ou para o país ele pode ser tombado.



CAPÍTULO IV

Núcleo Bandeirante

MÉTODO BRAILLE é um sistema de escrita e leitura tátil para pessoas cegas ou com baixa visão, inventado pelo francês Louis Braille. Pelo método Braille é possível dar acessibilidade aos textos e livros às pessoas com deficiência visual.



MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA
– O museu abriga a exposição permanente “Poeira, lona e concreto” que conta a história de vida dos candangos, que construíram Brasília. Além disso é um espaço cultural com várias edificações em madeira. Antes, foi sede do primeiro hospital do DF: Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira.

CAPÍTULO V

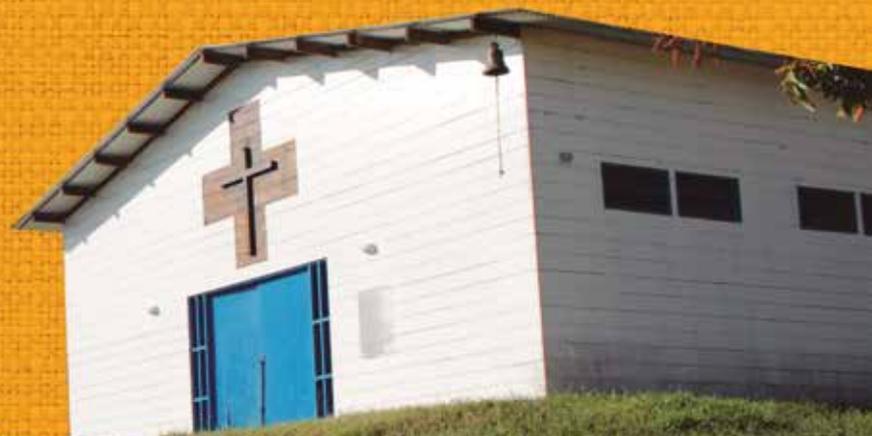
Paranoá

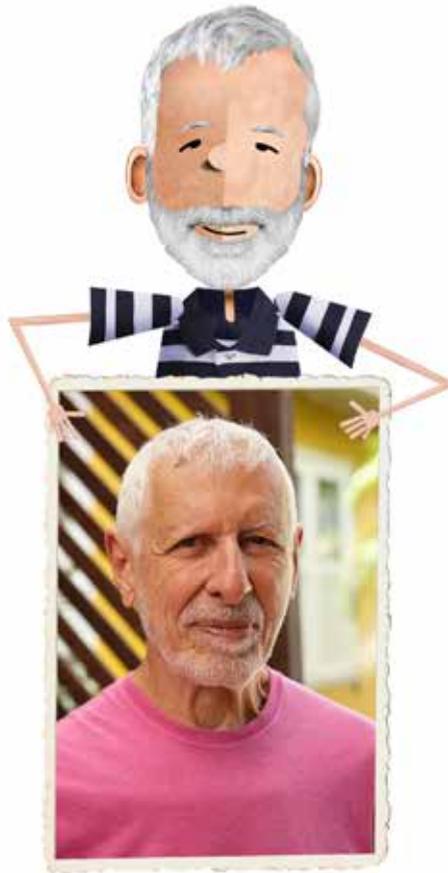
PATRIMÔNIO Segundo Cecília Londres, “patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, música e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia”. O patrimônio pode ser material ou imaterial.

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO é uma das celebrações religiosas realizadas em várias regiões do Brasil. Ela é de origem portuguesa e é uma homenagem ao Espírito Santo.

PATRIMÔNIO IMATERIAL diz respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer como saber fazer o queijo de Minas ou a viola de cocho; celebrações, como a Festa do Círio de Nazaré; formas de expressão como o samba de roda do Recôncavo Baiano; e nos lugares, como feiras, mercados e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

PATRIMÔNIO MATERIAL é representado por bens imóveis, como casas, edifícios, cidades, sítios arqueológicos e paisagísticos; ou móveis como coleções arqueológicas, acervos de museus, documentos, mobiliário e acervos de arquivos, vídeos, fotografias e filmes.





JOSÉ MAURO GABRIEL

Nasci em Volta Redonda RJ, em um modesto hospital de madeira no interior da vila operária de traçado geométrico, extensos gramados, farta arborização e arquitetura padronizada, planejada para abrigar os trabalhadores da CSN. Nela vivi até completar os 17 anos, quando me transferi para o Rio de Janeiro, metrópole pulsante e desordenada, de cujos encantos nem preciso falar, e onde me formei arquiteto e urbanista pela UFRJ em 1974. Seis anos depois desembarquei em Brasília, sendo imediatamente arrebatado por essa cidade singular, de traçado geométrico, extensos gramados, farta arborização e arquitetura padronizada. Aqui desenvolvi toda a minha carreira profissional de arquiteto atuando em projetos de grande complexidade, ensino de arquitetura e gestão de obras públicas. No decorrer dos anos, a admiração por Brasília me levou ao engajamento na luta por sua valorização e preservação, atuando como consultor pela UNESCO junto a superintendência do IPHAN no DF.

FRANCISCO RICARDO COSTA PINTO

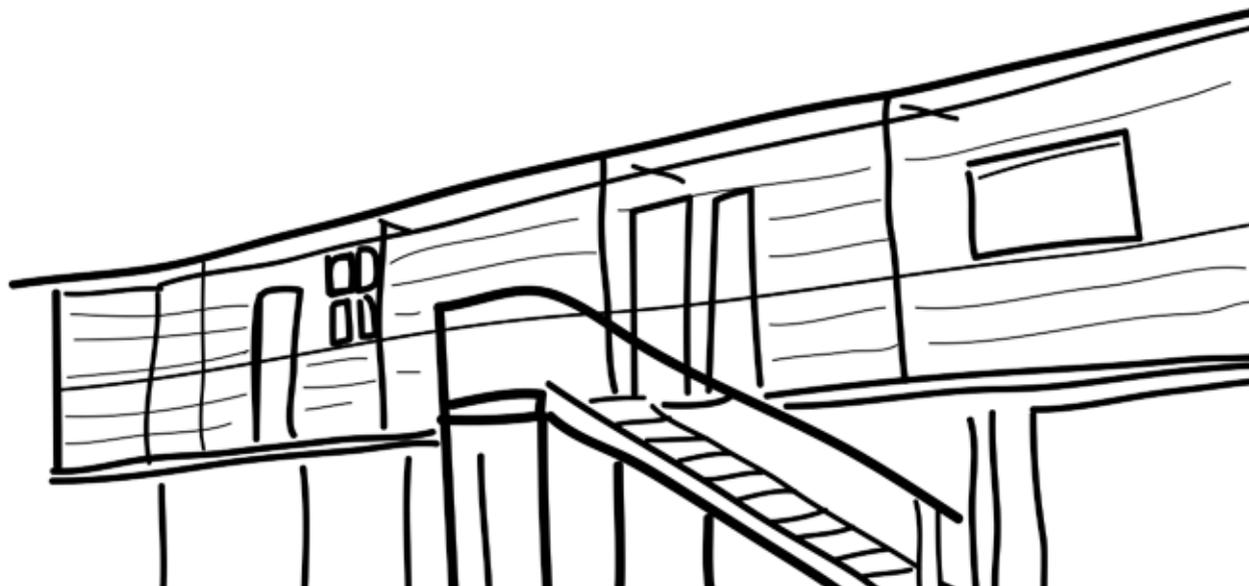
Nasci em Joao Pessoa PB, mas passei toda a infância e parte da adolescência na cidade de Mamanguape. Em 1983, voltei para João Pessoa, estudando na então Escola Técnica Federal da Paraíba. Em 1987, cheguei à cidade de Brasília, que me adotou. Aqui me graduei em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília - UnB (1996) onde, depois obtive o título de mestre em planejamento urbano (2011). Trabalhei na Administração Regional de Taguatinga, no Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF - DePHA, na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN/DF, como consultor da UNESCO, atuando na gestão do Conjunto Urbanístico de Brasília. Atuo na iniciativa privada desde o ano de minha graduação. Do início de minha vida profissional em Brasília, até hoje, tenho dedicado especial atenção às questões de patrimônio cultural e mais recentemente, passei a me aventurar no campo da educação patrimonial, escrevendo livros para o público infantojuvenil, trajetória que teve início com o Livro "Athos colorindo Brasília".





SANDRA BERNARDES RIBEIRO

Nasci em Frutal, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Em 1977, me mudei para Brasília com minha família e desde então adotei Brasília como minha terra. Gosto muito daqui! Viver numa cidade parque é muito bom! Descer do apartamento e passear entre gramados e árvores, ouvindo pássaros cantar torna a vida mais leve. Aqui estudei e em 1984 me formei em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília. Fui trabalhar na Fundação Nacional Pró-Memória, que anos mais tarde passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Em 2003, fiz o mestrado em planejamento urbano pela mesma Universidade. Sou especialista em preservação arquitetônica e urbanística pelo PNUD/UNESCO (1985) e fui servidora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN durante 33 anos. Nesse período trabalhei na gestão do patrimônio cultural tombado do Distrito Federal.





Vocês já se perguntaram porque Brasília é uma cidade tão diferente das outras? Porque ao contrário da maioria das cidades que nasce e cresce de maneira espontânea, ela foi planejada e projetada antes de ser construída, por dois dos maiores arquitetos brasileiros contemporâneos, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que adotaram, tanto no urbanismo quanto na arquitetura, os princípios mais modernos utilizados na época.

Mas existem aspectos sobre a construção de Brasília que a maioria das pessoas não imagina. Quem construiu Brasília? A resposta pronta quase sempre é: "JK, Israel Pinheiro e Bernardo Sayão". Mas eles não a fizeram sozinhos, por trás deles havia um exército de operários que, de todos os cantos do Brasil, vieram em busca de trabalho e ajudaram a construir um sonho no planalto central brasileiro, uma nova capital para o Brasil, moderna e admirada no mundo todo.

Recheado de informações, fatos pitorescos e muito mais, o livro conta a história dos acampamentos pioneiros, que eram os lugares de moradia dos candangos, esses brasileiros anônimos e quase sempre esquecidos, que vieram para construir a cidade e os belos monumentos que nos encantam até hoje.

Voltado para a educação patrimonial, aqui, de forma lúdica, vocês irão se deparar com muitos detalhes e informações históricas contados através de personagens inspirados nos trabalhadores pioneiros e nas crianças que os entrevistam como parte da atividade escolar proposta por sua professora.

Sente-se confortavelmente, abra o livro e junte-se a eles nessa aventura cheia de diversão e novas descobertas! Boa leitura!

Esse livro foi realizado com recursos do Fundo de apoio à cultura - FAC da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal - SECEC



Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

